

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA LÚCIA FANK PELENZ

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SINTOMA E LINGUAGEM NA PSICANÁLISE

Goiânia

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Maria Lúcia Fank Pelenz

3. Título do trabalho

Algumas considerações sobre sintoma e linguagem na psicanálise

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Cristóvão Giovani Burgarelli, Professor do Magistério Superior**, em 15/09/2021, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **MARIA LÚCIA FANK PELENZ, Discente**, em 15/09/2021, às 21:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de](#)



[8 de outubro de 2015.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2350457** e o código CRC **1A35740F**.

Referência: Processo nº 23070.043524/2021-08

SEI nº 2350457

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Maria Lúcia Fank Pelenz

Algumas considerações sobre sintoma e linguagem na psicanálise

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Ciências Humanas – Psicologia. Linha de pesquisa: Bases Históricas, Teóricas e Políticas da Psicologia. Sob orientação do Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli.

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pelenz, Maria Lúcia Fank
Algumas considerações sobre sintoma e linguagem na psicanálise
[manuscrito] / Maria Lúcia Fank Pelenz. - 2021.
77 f.

Orientador: Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Goiânia, 2021.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras.

1. Psicanálise. 2. Sintoma. 3. Desejo. 4. Linguagem. I. Burgarelli,
Cristóvão Giovani, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 04 da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado de Maria Lúcia Fank Pelenz, que confere o título de Mestra em **Psicologia**, na área de concentração em **Psicologia**.

Ao 1º dia do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e um (01/09/2021)), às 14:30 horas, realizou-se a sessão pública através de plataforma virtual segundo a Instrução Normativa PRPG/UFG 001, de 27 de março de 2020, da Defesa de Dissertação intitulada “**Algumas considerações sobre sintoma e linguagem na psicanálise**”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Professor Doutor **Cristóvão Giovani Burgarelli (PPGP UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Altair José dos Santos (PPGP UFG)**, membro titular interno; Professor Doutor **Alan Oliveira Machado (UEG Iporá)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Cristóvão Giovani Burgarelli**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao 1º dia do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e um.

BancaExaminadora:

Presidente - Membro titular 01

Cristóvão Giovani Burgarelli / PPGP-UFG

Membro titular 02

Altair José dos Santos - / PPGP-UFG

Membro titular 03

Alan Oliveira Machado - /UEG Iporá

Priscilla Melo Ribeiro de Lima/ **Coordenadora do PPGP**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Cristóvão Giovani Burgarelli, Professor do Magistério Superior**, em 14/09/2021, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA LÚCIA FANK PELENZ, Discente**, em 15/09/2021, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Melo Ribeiro De Lima, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 21/09/2021, às 11:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos, Professor do Magistério Superior**, em 21/09/2021, às 12:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2281373** e o código CRC **89AB87A9**.

Referência: Processo nº 23070.043524/2021-08

SEI nº 2281373

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo suporte para que este trabalho fosse realizado.

À minha irmã e ao meu afilhado, pelo amor que me fortaleceu.

Ao professor Giovani Burgarelli, por toda ajuda e orientação oferecidas desde o momento inicial de meu percurso no mestrado. Suas contribuições estão presentes na escolha dos textos tomados nesta pesquisa e no estudo que eles demandaram. Também sua paciência e atenção sobre meu texto me mostram que para escrever é preciso mais que uma sintaxe, embora isso já pareça em si mesmo bastante difícil. O exercício gentil e rigoroso que se prontificou a fazer comigo deu condições à escrita deste texto. Igualmente, os efeitos de suas orientações ecoam para além das páginas desta dissertação... Seria impossível desvincular o que recebi de nossos encontros daquilo que me constitui.

Aos professores Altair José dos Santos e Alan Oliveira Machado, agradeço por terem aceitado compartilhar saberes a partir da leitura deste texto. O que tenho apurado de suas leituras cuidadosas, não só orientou os passos desta dissertação, mas me sugere que faz mesmo parte da escrita o recomeço.

Aos colegas do Entraste, agradeço pelo conhecimento compartilhado em nossos prazerosos encontros.

Ao Ary, por todo amor e por sua companhia, especialmente nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos Alexandre, Daiane e Laiane, pelo apoio e alívio, mesmo distantes.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	07
RESUMO	08
ABSTRACT	09
1- O sintoma entre linguagem e corpo	16
1.1. A questão da representação e o inconsciente atemporal.....	17
1.2. Sobre angústia e formação de sintomas em Freud.....	22
1.3. Da realidade psíquica e no que ela é decisiva.....	29
2- A letra freudiana na descoberta do inconsciente	38
2.1. Da letra e seu sentido.....	38
2.2. A letra no inconsciente.....	46
2.3. A letra, o ser e o outro.....	55
3- Sobre o que se escreve entre a linguagem e o corpo	61
3.1. A pulsão se escreve.....	62
3.2. Do gozo de Hans.....	68
3.3. Partir daqui para continuar.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Esquema dos dois vazios	28
Figura 2- Algoritmo do signo saussureano	40
Figura 3- Esquema Homens/Mulheres	41
Figura 4- Incidência do significante no significado	49
Figura 5- Estrutura metonímica	49
Figura 6- <i>i (a)</i> no gráfico do desejo	51
Figura 7- Estrutura metafórica	52

RESUMO

Este trabalho pretende delinear algumas articulações entre o sintoma e a linguagem, conforme o referencial psicanalítico. Primeiramente, com Freud, tomaremos o sintoma como uma formação do inconsciente que está sob efeito do afeto da angústia e que tem seu sentido pareado ao desejo e ao modo como o indivíduo se singulariza. Depois, veremos, mais precisamente, como Lacan retoma esse enlace entre sintoma e desejo utilizando-se da estrutura da linguagem, mais especificamente, das leis da metáfora e da metonímia, cujo funcionamento é homólogo ao que Freud, em sua leitura literal da estrutura dos sonhos, denominou de condensação e deslocamento. Por fim, buscaremos discutir que, para além dessa estrutura significante, a articulação entre as repetições sintomáticas e a inscrição de um *significante privilegiado* somente adquire seu valor quando pensada em sua dimensão de gozo. Em síntese, ao revisitarmos os fundamentos da psicanálise tomando como questão principal o sintoma, pretendemos lançar luzes à teoria e à prática psicanalítica na atualidade.

Palavras-chave: Psicanálise; sintoma; desejo; linguagem.

ABSTRACT

This work intends to delineate some articulations between the symptom and the language, according to the psychoanalytical framework. First, with Freud, we will take the symptom as a formation of the unconscious that is under the effect of the affect of anxiety and which has its meaning paired with desire and with the way the individual singularizes itself. Later, we will see, more precisely, how Lacan resumes this link between symptom and desire using the structure of language, more specifically, the laws of metaphor and metonymy, whose operation is homologous to what Freud, in his literal reading of the structure of dreams, called condensation and displacement. Finally, we will try to discuss that, beyond this signifying structure, the articulation between symptomatic repetitions and the inscription of a *privileged signifier* only acquires its value when considered in its jouissance dimension. In summary, by revisiting the foundations of psychoanalysis taking the symptom as the main issue, we intend to shed light on psychoanalytic theory and practice today.

Keywords: Psychoanalysis; symptom; desire; language.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi se desenvolvendo como parte do *Entraste: fundamentos litorais entre linguagem, psicanálise e educação*, um projeto mais amplo que tem como objetivo, sob orientação do professor Dr. Giovani Burgarelli, continuar pensando *Freud no século XXI: a atualidade da clínica psicanalítica*. Por meio dos encontros em grupo, uma oportunidade que se ressaltou foi a elaboração de Santos (2013), em sua dissertação de mestrado. Para pensar o inconsciente como aparelho de linguagem, aparelho de memória e aparelho psíquico, ela enfrenta a questão da representação, que, com Freud e suas *representações inconscientes*, tomou outro rumo. Fundamentalmente, ela desenvolveu em seu texto um resgate de obras freudianas que nos ajudaram a depreender que as afasias não são como “defeitos do aparelho de linguagem, mas como resultados particulares de seu funcionamento” (Santos, 2013, p.6).

O primeiro passo, para que Freud retirasse a ênfase do orgânico, como nos indicou Santos (2013), “para introduzir a ideia de que as variações nas faculdades psicológicas são governadas por leis de funcionamento próprias, e não pelas leis da anatomia cerebral” (p.23), foi prescindir de uma clínica localizacionista. Assim, ao situar os *elementos sensoriais* e os *elementos representacionais* como o que dão origem ao *complexo associativo*, Freud tomou como argumento central que as afasias não fossem explicadas por um ponto de vista fisiológico. Considerando, portanto, que a questão da representação se vincula, de modo inédito, à questão da singularidade, sob o viés de que o inconsciente rege as leis de funcionamento das afasias, Freud denominou o sintoma como um atestado, no corpo, de que o *aparelho psíquico é defeituoso*.

Ainda em nosso percurso inicial de pesquisa, o passo seguinte, foi recorrer também à dissertação de mestrado *O inconsciente: do sentido do significante ao gozo da letra*, de Cordeiro (2015). Com ela repensamos os objetivos de nossa pesquisa precisamente porque o autor mostrou como a letra foi articulada em seus diversos momentos da obra lacaniana, ressaltando, principalmente, estes dois momentos: 1) nos seminários mais próximos de 1950, Lacan, quanto à letra, a compreendeu “sob o aforismo do inconsciente estruturado como linguagem”, buscando “uma noção de inconsciente atrelada à cadeia significativa (S1 – S2) e às leis da metáfora e da metonímia, cujos efeitos incidem sobre o sentido do sintoma, do desejo e das formações do inconsciente” (Cordeiro, 2015, p.12); 2) mais ao final de seu ensino, por volta de 1970, Lacan já tem uma concepção de letra mais definida, já bem distinta do significante, pois a sua proposição de “pensar o inconsciente como letra” (Cordeiro, 2015,

p.12) fez com que ele aproximasse essa categoria conceitual, a partir desse momento, mais do real do que do simbólico, isto é, “como elemento que vincula algo da ordem do gozo” (p.12).

Primeiramente, então, Lacan introduziu em sua obra a letra como uma categoria tomada naquilo em que ela se aproximaria do significante, enquanto elemento atrelado a uma cadeia simbólica. Depois, num segundo momento, ganha destaque a distinção entre letra e significante, sendo que a letra, considerada na dimensão do real, é aquela em que *algo da ordem do gozo* se sobressai, convocando-nos a considerações para além do que até então poder-se-ia entender, inclusive com Freud, por *sentido do sintoma*, *desejo* ou por *formações do inconsciente*.

Sendo assim, vendo com Santos (2013) que o modo como Freud considera uma teoria da linguagem para definir seu aparelho de memória subverte o sujeito do *cogito* cartesiano e vendo com Cordeiro (2015) que o inconsciente de Freud, ao final do percurso de Lacan, pode ser pensado como uma letra, seguimos, a partir daí, ainda mais interessados nesse arranjo entre sintoma e linguagem. Quisemos, então, a partir desse ponto de partida, tecer elaborações em torno do sintoma em sua articulação com a noção de letra, buscando não apenas confirmar, mas pensar algumas consequências de quando se considera a psicanálise como uma ética do desejo de um sujeito – por essa via podemos falar tanto do decaimento do sujeito da consciência quanto de uma marca singular e única a cada falante.

Nesta dissertação, portanto, pretendemos fazer algumas articulações sobre o sintoma na psicanálise, o que já indica que não o veremos sob a perspectiva de suas manifestações físicas no corpo, mas sim pelo que Freud constatou a seu respeito quando o tomou na clínica como uma formação do inconsciente. Então, a partir do retorno de Lacan a Freud por meio da linguística, queremos mostrar uma correlação possível entre a linguagem e a constituição do sujeito, tomando o sintoma como *metáfora* de seu desejo *metonímico*. Para caminharmos com esses objetivos, vamos dividir nosso trabalho em três partes.

Em nosso primeiro capítulo, além de outros textos, nos valeremos, principalmente, de *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014), um texto de Freud que será fundamental por abordar a formação do sintoma neurótico como um efeito da angústia. Importa-nos seguir sabendo que Freud em algum momento inverteu o par recalque-angústia, passando do recalque, como mecanismo de defesa do *eu* que retira o investimento da pulsão “e o aplica na liberação de desprazer (angústia)” (p.22), para a noção de angústia, como afeto que providencia as defesas do *eu*. Mas o fundamental é que consigamos alcançar a noção de que o sintoma mantém um traço de significação, e por isso partiremos da noção de que, para Freud,

o sintoma neurótico como formação é “indício e substituto de uma satisfação instintual que não aconteceu” (p.19-20).

A afirmação de que o *eu* desloca o investimento da moção pulsional para se defender da angústia serviu para que Freud reprovasse “a concepção anterior de que a energia de investimento do impulso reprimido é transformada automaticamente em angústia” (1926/2014, p.20). Desse modo, a angústia, como um *afeto* que procede do *eu*, terá estrita relação com a ação reguladora do *supereu*, o que desembocaria em um ou outro destino para a pulsão, na medida em que sua ocorrência seria expressão de um impasse. O sintoma evidencia, portanto, o *recalque* como sinal de que o *eu* se protegeu da angústia, mas também advém como um modo de reviver a cena traumática conferindo a ela um desfecho satisfatório.

Tomaremos, então, o sintoma como uma derivação substitutiva, logo, como uma formação do inconsciente, mas, também, porque não é nosso propósito exauri-lo enquanto categoria conceitual, o tomaremos como manifestação daquilo de que o sujeito fala sem saber que sabe. Por isso, encontraremos contribuições também em outros dois textos de Freud, anteriores a esse de 1926: *Os caminhos da formação de sintomas* (1917/2014a), e *O sentido dos sintomas* (1917/2014b).

No primeiro, Freud sustentou que os meios incompreensíveis de satisfação que os sintomas encontram devem ser remetidos a uma satisfação que surge como desfecho da divergência de forças que “se reconciliam, por assim dizer, mediante o compromisso da formação do sintoma” (1917/2014a, p.476). Nesse momento, Freud estava falando de um sintoma que se estabelece às custas de um “acordo” entre o *eu* e o *isso*. Ele inicia esse texto diferenciando a posição do leigo, quanto aos sintomas, da posição do médico. Tal como o médico, o psicanalista não deve pressupor que a *remoção* dos sintomas represente *a cura da doença*, porque a pulsão – já que essa não se desfaz – se encarregará de retornar por meio de novos sintomas. Por outro lado, assumindo uma posição leiga, Freud quis “considerar que a averiguação dos sintomas equivale à compreensão da doença” (1917/2014a, p.475), embora isso não significasse dizer que, como o leigo, o psicanalista acredite na eliminação dos sintomas. O que estava em jogo era a abertura do sintoma para a interpretação, porque tal como o sonho, ele se constitui como uma narrativa, mas, igualmente, Freud quis reforçar a ideia de que a psicanálise não pretende fazer cessar o sintoma.

Do segundo texto mencionado acima, queremos considerar, especialmente, a insistência de Freud sobre o fato de que toda intervenção do psicanalista deve partir de uma primeira constatação, a “de que o sintoma possui um sentido e guarda relação com as vivências do enfermo” (Freud, 1917/2014b, p.343). Justamente em contraponto à insuficiente

preocupação “com a forma de manifestação e o conteúdo do sintoma” (ibid.) que a psiquiatria clínica de seu tempo apresentava, é que Freud localizou a psicanálise. Ao reconhecer pesquisadores como Josef Breuer e Leuret, que o antecederam no estudo sobre os sintomas, Freud atribuiu o mérito, também, ao médico francês Pierre Janet por estudar os sintomas neuróticos compreendendo-os “como *idées inconscientes* que dominavam os enfermos” (Freud, 1917/2014b, p.343).

Mas Janet passou a manifestar com excessiva reserva, como se quisesse admitir que o inconsciente nada mais representava para ele que um expediente, um modo de dizer, *une façon de parler*, não pensando nele como *algo real*. Desde então, não mais compreendo suas explanações; apenas acho que ele empanou desnecessariamente seu grande mérito. (Freud, 1917/2014b, p.343)

A psicanálise está atenta ao fato de que “os sintomas neuróticos têm seu sentido” (1917/2014b, p.344), mas, mais do que isso, seu diferencial, ao menos com relação à clínica de Pierre Janet, foi reconhecer que os efeitos disso que se chama sintoma só podem mesmo ser sentidos no corpo. O inconsciente é aparelho de linguagem, mas isso não pode significar que seja somente *um modo de falar*; que, portanto, seus efeitos não sejam reais e presentes na vida cotidiana (1917/2014b). Quando falamos, então, dos destinos possíveis à pulsão, e isso diz respeito ao modo como essas moções pulsionais serão economicamente direcionadas, temos de lembrar que esses destinos vão para além do princípio de prazer. O que a angústia em sua relação com o sintoma nos mostra é que o recalque, como uma defesa cuja ação é constante, visa proteger o *eu*. Mas o fato de que o sintoma carrega um sentido implica, para além do sofrimento que o paciente narra, que ele funciona também como um desfecho satisfatório à cena traumática.

Depois de caminhar com Freud na primeira parte desta pesquisa, percorreremos um trajeto acompanhados de Lacan, com *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud* (1957/1998), no segundo capítulo. Interessa-nos ver que *A instância da letra* confirma o sintoma ao modo como Freud o pensou, ao passo que retoma o desejo como correlato da metonímia, e a metáfora como analogia para o sintoma. Com essas leis da linguagem, Lacan retomou a experiência psicanalítica para reafirmar que o inconsciente não é a *sede das pulsões*. Desse modo, vendo que o inconsciente ainda estava confundido com o *instintual*, ele buscou reafirmar o que de fato Freud escreve com a sua descoberta. Retomar o inconsciente, então, significa recuperar o método que o fundou, e Freud insistiu sobre a noção de que a psicanálise recusa ser uma teoria do conhecimento.

Além disso, o que esse texto de Lacan nos aponta é que “*para-além* dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957/1998, p.498). A partir disso constatamos que existe um outro estatuto para a fala, que poderia ser relacionado com os destinos que o sujeito encontra para suas moções pulsionais. E, também, que a psicanálise, ao ocupar-se dessa fala que aponta para-além, retoma o inconsciente sob o viés de que ele está estruturado como uma linguagem. Nessas duas afirmações, está em jogo que a dimensão do gozo também se vê incluída nas formações do inconsciente.

Com base no que Freud havia postulado sobre o sintoma na *interpretação dos sonhos* (1900), texto em que o funcionamento dos sonhos já equivale à formação de sintomas, em razão da condensação e do deslocamento, Lacan lerá *as duas vertentes do efeito do significante* na letra freudiana (1957/1998). A partir desse ponto é que surgem em nosso texto a metáfora e a metonímia como leis da linguagem com as quais estabelecemos interessantes vinculações. Nesse texto Lacan tomará a letra como o que faz suplência ao significante, visto que *a sua estrutura é essencialmente localizada*, o que significa tomá-la como resultado de uma das funções do significante, aquela que se presta a provar seus *elementos diferenciais últimos*. Mas também há uma outra função do efeito significante da letra que respeita a condição de que ele esteja encadeado seguindo uma *ordem fechada*. Sob esse viés é que o sintoma pode, na clínica, ser considerado uma narrativa composta por elementos que regem (igualmente por essa lei) o sentido.

Ao tomar como importante a *significação*, a partir do que Freud havia postulado acerca das afasias, Lacan reforça o contraponto entre a psicanálise e as práticas organicistas. Desse modo, a psicanálise toma o sintoma em sua *significação*, ou seja, considera que ele guarda alguma relação com a história de como esse sujeito habitou o mundo. Ao menos na neurose, quanto à sua formação e também a seu caráter resolutivo, Lacan nos diz que o sintoma se constitui como “uma questão que o *ser* coloca para o sujeito *lá de onde ele estava antes que o sujeito viesse ao mundo*” (1957/1998, p.524). Nessa direção veremos que as estruturas metafórica e metonímica consentem com o inconsciente da experiência psicanalítica.

Diante disso, em nosso terceiro capítulo, cumprimos a última parte de nosso objetivo. Depois dos passos apontados até então, proporemos algumas considerações a partir das discussões levantadas em nossa pesquisa. Partindo da convergência entre o desejo metonímico do sujeito e a questão de seu *ser*, retomada pela metáfora de seu sintoma, consideraremos algumas consequências das articulações lacanianas sobre o sintoma. Em sua

Lição IV de 6 de dezembro de 1961, Lacan nos mostrará que a função do sujeito do inconsciente é avistada nas estruturas da linguagem com que repensou a articulação entre o desejo e o sintoma. Frente a isso fica marcada a distinção entre o significante e o signo, precisamente porque Lacan está se referindo à experiência de identificação como o que convoca precisamente a função desse sujeito do inconsciente (1961/2003). Com esse texto lacaniano não buscamos esgotar a elaboração a respeito da identificação, mas apontar o que nos parece uma de suas principais consequências, afirmar que o sujeito se identifica ao significante.

Ainda que essa identificação garanta, entre o S' e o S'' da cadeia metonímica, o traço diferencial que caracteriza essa experiência, Lacan chama a atenção para o fato de que, uma vez encadeados, eles comparecem munidos de valor, ou seja, são contemplados no sintoma. Justamente quanto ao que se repete nas manifestações sintomáticas, porque existe uma relação com o que *falta* nesse sujeito, Lacan convoca a dimensão de *gozo*. Assim, retomando o método da psicanálise, poderíamos dizer que as repetições sintomáticas são sinal de que a pulsão não se *recalca*, assim como as satisfações do desejo do sujeito desafiam o *quase preponderante* princípio do prazer.

1- O sintoma entre linguagem e corpo

Não sou a favor da fabricação de visões de mundo. Isso deve ser deixado para os filósofos, que confessadamente acham inexecutável a jornada da existência sem um guia de viagem como esse, que informa sobre tudo. Aceitemos humildemente o desprezo com que eles nos olham, do alto de sua sublime carência. Mas, como também não podemos negar nosso orgulho narcísico, acharemos consolo na reflexão de que todos esses “guias de existência” envelhecem rapidamente, de que é justamente nosso trabalho miúdo, estreito e míope que torna necessárias novas edições deles, e de que inclusive os mais modernos desses guias são tentativas de achar substituto para o velho catecismo, tão cômodo e tão completo. Sabemos que até agora a ciência pôde lançar muito pouca luz sobre os enigmas deste mundo; o barulho dos filósofos nada mudará isso, apenas a paciente continuação do trabalho que tudo subordina à exigência de certeza pode gradualmente produzir mudança. Ao cantar na escuridão, o andarilho nega seu medo, mas nem por isso enxerga mais claro. (Freud, 1926/2014, p.26)

O modo como Freud apresentou o método da psicanálise designa em si mesmo uma resposta à recepção do que ele elaborou a respeito do inconsciente. Recusando que sua ciência fosse um arsenal das maldades do homem, ou que o *eu* fosse instância subjugada ao *isso*, ele ressaltou que sua descoberta se opunha a ser uma “visão de mundo”. Isso, notoriamente, significa partir de uma concepção em que a psicanálise se diferencie de uma teoria do conhecimento, pois ela trabalha no sentido oposto do que Freud denunciou como sendo os *guias da existência* humana. As novas edições do trabalho psicanalítico devem partir, portanto, da noção de que o inconsciente não responde por um modo de fazer, pois sua contribuição somente pode se dar no *um a um*. Para isso, como Freud tornou evidente, é necessário um trabalho *miúdo, estreito e míope*, mas que, justamente porque se recusa a oferecer-se como guia, é capaz de alcançar avanços, mesmo que a passos lentos.

Freud insistiu sobre esse ponto porque a confusão com relação ao *eu* e ao *isso*, onde se pressupunha uma “fraqueza do Eu em relação ao Id, do elemento racional em relação ao demoníaco em nós” (1926/2014, p.26) poderia sustentar uma inverdade quanto ao rigor de seu método. Suas observações apontam para “um quadro da dependência do Eu para com o Id e o Super-eu” (p.25-26), insistindo que sua “impotência e suscetibilidade à angústia”, tanto diante do *isso* como diante do *supereu*, fosse ressaltada (Freud, 1926/2014, p.26).

Assim, articulando sobre o problema do *eu* perante o *isso*, Freud nos alertou para o fato de que essa distinção se justifica em razão da “aparente contradição [entre sua força e a fraqueza ante o Id]” (1926/2014, p.27). Mais à frente, tendo em vista que, se por um lado essa contradição pode realmente ser notada, “por outro lado, o Eu é idêntico ao Id” (ibid.). Desse modo, Freud localizou o *eu* e o *isso* também em uma situação convergente, assim como o é muitas vezes “a relação entre o Eu e o Super-eu” (1926/2014, p.27). Esse movimento se explica pela ação do *eu* como “a parte organizada do Id” (ibid.), motivo pelo qual não existem condições de situá-los unicamente numa relação oposta.

Nesse capítulo notaremos como essa relação entre o *eu* e o *isso* está diretamente relacionada ao modo como se estrutura o inconsciente – aspecto a que Freud retorna constantemente em sua obra. Disso depreendemos, nesse momento inicial, que o próprio meio que Freud encontrou de retornar a pontos-chave de sua literatura psicanalítica, revendo-os, consiste no que ele apontou como necessário para o trabalho do psicanalista. Começaremos com a contribuição de Borges (2010), para notar que as condições para a formulação do inconsciente existiram desde os textos denominados (erroneamente) pré-psicanalíticos, em que comparece a questão da percepção, representação e temporalidade.

Depois nos remeteremos ao funcionamento do sonho em correlação à formação do sintoma como um passo teórico possível graças à definição freudiana do deslocamento e da condensação. Nosso objetivo aqui é alcançar articulações em torno da formação do sintoma, levando em consideração a importância do afeto da angústia, já que, como veremos, esse afeto está na origem do *eu*. O *sentido* de toda formação do inconsciente, portanto, além de só poder ser formulado num *só-depois*, tem a ver com a falta a que essa angústia está ligada.

1.1. A questão da representação e o inconsciente atemporal

Antes de propriamente chegarmos ao sintoma como algo externo ao sujeito e à inibição como alteração contida no *eu*, distinção com que Freud iniciou *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014), começaremos nosso capítulo com algumas considerações de Sônia Borges no livro *Psicanálise, linguística, linguística*, mais especificamente no seu capítulo “Psicanálise, representação e linguagem”. Tomada pela discussão sobre a linguagem, Borges revisita, nessa parte de seu livro, a subversão da noção de representação, que na psicanálise está em contraponto à representação clássica. Seu objetivo foi afirmar que o inconsciente descoberto por Freud deu condições para que se chegasse à representação “como significante ou entidade lógica” (Borges, 2010, p.53), ainda que o inconsciente assim representado somente conste nas obras freudianas a partir da *interpretação dos sonhos*.

Para apresentar, então, essa teoria que permite incluir importantes questões sobre o sujeito, ela partiu da questão da representação nos primeiros textos de Freud. Se na filosofia clássica a língua seria aquilo com que o *ser* representa sua existência, onde a escrita é representação de uma língua oralizada, a *Vorstellung*, a representação de Freud, marca a originalidade de seu método psicanalítico. Nos textos considerados pré-psicanalíticos essa noção, que ainda não comparecia dessa forma, é precedida por uma discussão em que já vinha

sendo marcada a oposição entre a psicanálise e a metafísica, a qual viria a desembocar na “desconstrução da representação como entidade psicológica” (Borges, 2010, p.53).

Conforme, Borges (2010), o primeiro passo para que a questão da representação fosse deslocada de seu lugar foi, portanto, a articulação entre a *representação-palavra* e a *representação-objeto*. Ela discute que a *significação* que adviria dessa articulação entre representações não pode ser aquela mesma que considera uma relação biunívoca entre palavra e coisa, pois essa noção em Freud já estava descartada desde o início. Sendo assim, o *sentido*, para Freud, adviria de uma articulação, ou de “fulcros de associações” (Borges, 2010, p.59) entre a representação-palavra e a representação-objeto.

Borges nos fez ver que, desde o início da psicanálise, os conceitos elementares já visavam ao contraponto com relação às concepções cognitivistas tradicionais. Ao contrário da noção de representação como aquilo que encerra um objeto em um conceito, em Freud “a representação não é, pois, a imagem de algo externo” (Borges, 2010, p.60). Dessa forma, “a representação-objeto não é a representação icônica da coisa, não é adequada à coisa, apenas fala da coisa” (ibid.). Seu significado é, portanto, possibilitado pela articulação entre as representações do conceito e as representações do objeto.

A *Vorstellung* de Freud, “a noção de representação, tal como concebida pela psicanálise, significa a dissolução, antes de mais nada, das dicotomias sujeito/objeto e interioridade/exterioridade” (Borges, 2010, p.55). Isso se explica porque desde que a representação deixou de ser uma questão de reprodução da realidade por meio da língua, e passou a ser situada por Freud como a relação de um aparelho de linguagem com outro aparelho de linguagem, o sujeito e o objeto não puderam mais ser vistos como coisas divididas. Borges reforça, então, que essa alteração na concepção das funções psíquicas em Freud, antes mesmo que ele tivesse falado em inconsciente, deu-lhe as condições para um novo modo de elaborar a percepção, a representação e a memória, retirando a ênfase “da lógica da identidade, ou do conceito psicológico do tempo” (Borges, 2010, p.68).

Borges destacou desse prosseguimento das obras pré-psicanalíticas conceitos que constituíram solo para o inconsciente. Segundo ela, o *traço mnêmico* é uma dessas noções propostas por Freud, e seu desenvolvimento dá origem à discussão sobre o inconsciente como *aparelho de memória*. Ela afirma que o ponto de partida fundamental sobre esse *traço* é que ele “não designa elementos relativos à memória na sua relação com a consciência – a memória da psicologia – mas uma marca, uma intensidade pela qual a impressão mantém seus efeitos” (Borges, 2010, p.61). Os efeitos da marca que o traço imprime, portanto, são aqueles mesmos que permitem os *trilhamentos* diferentes entre os neurônios. Ou seja, a memória não

é formada a um só passo, justamente em razão do fato de que é modificada posteriormente, portanto os trilhamentos desses traços instauram a dimensão da *diferença*, pois seus efeitos sugerem a esse aparelho de memória novas configurações.

Daí em diante, desenvolvendo a concepção de que a *inscrição* de um traço implicará em sua consequente *transcrição*, Freud estabeleceu, conforme Borges, as condições para que a noção de temporalidade também fosse revista, de modo que é possível dizer que ele chegou “à definição de um presente não constituinte, cuja originalidade é ser reconstituído a partir dos signos de memória, os traços” (Borges, 2010, p.66). Parece fundamental prosseguirmos, então, sabendo que a memória na psicanálise não é sinônimo de “lembrança ou reminiscência” (Borges, 2010, p.62), mas que ela acompanha uma certa noção de *repetição*. Assim, podemos dizer que a *transcrição* dos processos psíquicos demanda que esses *signos de memória* outrora inscritos sejam repetidos, uma vez que a memória é continuada, modificada a cada nova transcrição por esses traços que “nunca se apagam” (Borges, 2010, p.66).

A afirmação de que a memória, para Freud, não é uma faculdade entre outras, não parece simples de se aceitar. Como poderia a memória ser primeira, se é ao mesmo tempo definida como repetição? Se for originária, o que, então, se repete? Repete-se a impressão? Não pode ser, porque, nesse caso, a impressão seria originária ou primeira, e se resvalaria na metafísica da presença, da qual Freud já indicara pretender se afastar. Como, então, manter a hipótese de uma *repetição que é original ao que se repete*? (Borges, 2010, p.67)

Para responder a essa pergunta a autora retomou o *período de excitação* que, segundo ela, caracteriza o funcionamento desses “neurônios”, dizendo melhor, desses traços mnêmicos, sendo que eles nos remetem aos *trilhamentos*, com os quais advém a noção de *diferença*. Ressalta, entretanto, que essa “noção de período não pode ser reduzida à expressão de quantidade ou qualidade” (Borges, 2010, p.63), pois seu principal papel é o de dar suporte à noção de repetição implicada na memória. Por certo, o *período* a que Freud se referiu resulta nas concepções de *espaçamento* ou *retardamento*, que, por sua vez, remetem a um *só-depois*.

Portanto, o traço mnêmico, que ajudará a constituir uma noção de memória em Freud, não é sinônimo da consciência desse sujeito. Freud falou de uma noção de temporalidade concebida “a partir da realidade psíquica, estratificação que diz respeito à possibilidade do remanejamento dos traços mnésicos” (Borges, 2010, p.67), o que não é o mesmo que tomar o tempo como um aspecto psicológico especialmente porque a consciência não é o que o constitui. A autora nos ajuda a entender, portanto, que os *trilhamentos* dos signos de memória, desse modo, cumprem a função de conduzir esses traços à repetição; que, mais do que

desobedecer a uma lógica cronológica, a memória em Freud está relacionada à realidade psíquica e indica que ela é regida a partir das relações com outros aparelhos de linguagem.

Seguindo, ainda, com essa leitura de Borges, pode-se afirmar que, como a *inscrição* foi o primeiro traço desse signo, “a repetição implicada na transcrição é lugar da diferença” (2010, p.66). Isso se justifica porque a *transcrição* dos signos de memória não implica “um original e sua reprodução” (ibid.), e sim “uma repetição que é original ao que se repete” (Borges, 2010, p.67). O motivo para que a memória denote que esse traço transcrito seja o da diferença se localiza, precisamente, no fato de que esse traço se valha, para sua transcrição, de um *só-depois*, ou *après-coup*, como definiu Freud. De acordo com Borges, esse tempo do *après-coup* marca justamente a característica atribuída à memória de fazer-se diferente aos poucos, *retranscrevendo-se*.

Nesse ponto de seu texto, Borges nos remete a uma articulação importante. Ela retoma Lacan no *seminário, livro 3, as psicoses*, para nos dizer que o traço mnêmico, conforme definido por Freud nesse momento, está na origem do *recalcado*, noção que só posteriormente será formulada por ele.

O significante registrado em uma dessas etapas não transpõe a seguinte, com o modo de reclassificação “só-depois”, que exige toda fase nova de organização significante-significação em que entra o sujeito.

Eis a partir do que é preciso explicar a existência do recalcado. A noção de inscrição é essencial à teoria da memória, na medida em que ela está na base da primeira investigação por Freud do fenômeno do inconsciente. (Lacan, apud Borges, 2010, p.68)

Utilizando-se do que Borges nos mostrou a respeito da representação em Freud e também dessa contribuição de Lacan sobre a procedência do recalque, poderíamos dizer que a base para esse termo está no signo de memória que não foi *transcrito*, ou melhor, que não conseguiu transpor a primeira etapa da *inscrição* para chegar a um *só-depois*. O termo que Lacan utiliza é o *significante* e, com ele, explicita-se, como nos diz Borges, que “o caráter diferencial da *repetição* implica que ela seja marcada por um inacabamento essencial, por um *não-ser*, que é justamente o que define a ausência de um primeiro elemento, uno, original, na cadeia significante” (2010, p.69). Chegamos, aqui, portanto, a uma possível resposta à pergunta, introduzida por Borges, sobre a originalidade do que se repete. É precisamente devido a esse *caráter diferencial da repetição* que, em um momento só-depois, na retranscrição dos trilhamentos sempre diferentes, o aparelho de memória se constitui.

Assim, também podemos afirmar que o significante de Lacan tem a ver justamente com essa relação posta por Freud entre as palavras e a memória. A inscrição do traço, dessa maneira, uma vez que é essencial à memória, pode ser entendida como homóloga ao que

Lacan denominou como efeito do encadeamento significativo, ao passo que se referiu a um significativo registrado em uma etapa primeira, que, embora tenha sido recalçado, não tendo sido transposto para a etapa seguinte, se mantém ali como uma letra, ou seja, como uma escrita sempre a ser bordejada. Aliás, com seu significativo, Lacan torna evidentes justamente as duas principais atribuições dessa memória em Freud, aquilo que seus traços tornam a *repetir*, mas também aquilo que neles instaura a *diferença* (Borges, 2010).

Acompanhar a autora até aqui nos fez ver, desse modo, que o olhar de Freud sobre o sujeito do inconsciente exige uma alteração quanto à questão da representação, na medida em que ele partiu de outra noção de percepção e de uma temporalidade não orientada sob um viés psicológico. Seus termos *signos de memória, traço mnêmico, inscrição, transcrição, retranscrição, aparelho psíquico, aparelho de linguagem*, entre outros, constituem campo para o que mais à frente ele poderá chamar de inconsciente. Dessa maneira, a questão da *Vorstellung* com a psicanálise fica situada, necessariamente, a partir do inconsciente.

A partir dessa alteração no modo de conceber a representação, partindo da noção de que não existe relação biunívoca entre o referente e o referencial, a subversão freudiana fica demonstrada. Borges chama a atenção para o fato de que se trata de subverter, justamente, a noção que tem origem no princípio aristotélico da identidade, sendo que a invenção do inconsciente representa justamente o rompimento com uma tradição há muito tempo centrada no sujeito racional. Com Freud, a questão da representação deixa de estar centrada na relação do sujeito com a coisa e passa a ser “uma relação entre representações” (Borges, 2010, p.59), ou seja, entre a representação-palavra e a representação-objeto.

Concluindo, portanto, a radicalidade dessa subversão, podemos entender, a partir dessa leitura de Borges, que a representação na metapsicologia freudiana se dá não como uma entidade psicológica, mas sim como efeito de uma lógica que perpassa o funcionamento das associações. Ela nos alerta para o fato de que é no jogo dessas associações que a representação irrompe como *entidade lógica*, o que não significa dizer que a lógica esteja na realidade do fenômeno, e sim na realidade psíquica, que, para Freud, só pôde ser introduzida a partir do momento em que há signos de percepção. A psicanálise parte, portanto, do pressuposto de que a realidade não será, de fato, contemplada pela linguagem, mas que, ao inverso disso, a julgar pelos efeitos possíveis de uma análise, a lógica do inconsciente só pode mesmo se desdobrar na medida em que toma a linguagem como condição. Desse modo, a dimensão da temporalidade com Freud alcança um patamar inédito visto que o inconsciente, como aparelho de memória, deixa de ser uma referência à duração relativa dos eventos e passa a marcar o funcionamento próprio desse inconsciente *atemporal*.

1.2. Sobre angústia e formação de sintomas em Freud

Freud, na construção inicial de seu pensamento psicanalítico, como nos mostrou Borges, embora utilizasse de termos fisio-neurológicos para discorrer a respeito dos processos psíquicos e suas funções, desde a origem de seu método, deixou distinta sua posição da postura do médico neurologista ou psiquiatra tradicional. A aprimoração de seus termos anteriores ao inconsciente contextualizou sua hipótese e já indica uma certa subversão da ordem racional com que se constituíam os saberes no século XIX. Haja vista o cientificismo clássico de seu tempo e o descrédito com que seu inconsciente foi recepcionado como uma resposta à ideia de que, remetido aos objetos de sua sexualidade infantil, o sujeito será regido por essas moções pulsionais que o deslocam do estatuto de sua consciência.

Sabendo disso, seguiremos agora com alguns textos freudianos que nos apresentam, então, um inconsciente já bem consolidado em suas obras. Interessa-nos aqui tecer elaborações sobre os caminhos da formação do sintoma e seu sentido *relatado*. Mas, antes, julgamos necessário partir da angústia, como uma questão econômica consequente da angústia do *eu*, ligada ao destino da pulsão e que interfere na consolidação do sintoma. Veremos ainda o desenvolvimento de Freud no texto *Inibição, sintoma e angústia*, de 1926, para notar que esse *afeto* não é só responsável pelo *recalque* como mecanismo de defesa do *eu*, mas que também está implicado no movimento que primeiro faz o sintoma cessar para que, posteriormente, ele reapareça modificado.

Para seguirmos, então, parece fundamental partir da distinção entre o sintoma e a inibição, a qual marca o início desse texto de 1926. As inibições foram definidas como “limitações das funções do Eu” (1926/2014, p.19), o que as situa num plano interior ao sujeito, exemplificado na limitação de funções sexuais, locomotivas, de nutrição, etc. Enquanto isso, o sintoma já não pôde “ser descrito como um processo que ocorre dentro do Eu ou que age sobre ele” (1926/2014, p.19). Essa distinção, embora difícil de ser estabelecida na prática, é importante porque existem casos em que a existência de um não pressupõe a existência do outro, mas, com ela, Freud reforça a ideia de que o sintoma é um processo mais emaranhado do que a inibição em si, porque envolve uma complexificação das funções psíquicas.

Além disso, atribuindo relevância maior à discussão sobre como o sintoma se estabelece, o enfoque passa a ser a angústia em meio a esse processo. Desse modo, Freud frisou que justamente a investida sobre o que o sujeito neurótico, em análise, teria a dizer

sobre o sintoma poderia leva-lo a ultrapassar a *superfície dos fenômenos*. Fica posto, então, que na psicanálise não importa a descrição do funcionamento fisiológico do sintoma, e tampouco uma classificação das doenças psicossomáticas, ainda que isso até possa contribuir em determinado momento do tratamento.

A partir da afirmação de que o sintoma é sinal e substituto da satisfação *parcial* de uma moção pulsional que não se realizou, Freud, depois de tê-la definido como uma consequência do processo de repressão, passará a considerá-la como causa do recalque, que faz vir à tona a influência do *eu* nos processos do *isso*. Está em jogo, dessa forma, que a angústia dá seus sinais sempre que o *eu* busca “subtrair-se ao campo de ação do perigo” (1926/2014, p.22) e se define, portanto, como a própria motora do desejo, que, por sua vez, tem a ver com o sintoma enquanto uma formação do inconsciente.

Esse movimento teórico de Freud, a que ele se propõe desde o momento inicial do texto, apresenta uma tentativa de explicar a origem da angústia, ao passo que o *eu* cumpre um papel de autenticar a ação reguladora do *supereu*, que pretende ter domínio sobre as pulsões. O fato é que localizando no *eu* a “genuína sede da angústia” (1926/2014, p.22), Freud não resolveu a questão sobre “como surge a angústia na repressão” (*ibid.*), o que acaba por denunciar que ele permanecia apegado à noção de que o recalque, como uma defesa do *eu*, motivaria a angústia. No entanto, o fato de que a angústia não seja “gerada novamente na repressão, e sim reproduzida como um estado afetivo, segundo uma *imagem mnêmica já existente*” (1926/2014, p.23), sugere que ela seja manifestação de algum conteúdo recalcado, que Freud chamou de *primordial*.

Então, a pulsão prejudicada pelo recalque, impedida de advir ao *eu*, dá origem a “um substituto, mas um bastante atrofiado, deslocado, inibido, e que já não é reconhecível como uma satisfação” (1926/2014, p.25). Esse deslocamento para um substituto, primeiramente, é sinal de que a pulsão não foi extinta, como nos aponta Freud n*Os caminhos da formação de sintomas* (1917/2014a). Para ele, se a pulsão recalcada “se dispõe a aceitar outro objeto no lugar daquele que lhe foi recusado” (1917/2014a, p.476), seu destino será o da regressão, o que significaria ser “atraída pela fixação que deixou para trás” (1917/2014a, p.477).

As ideias às quais a libido agora transfere sua energia, sob a forma de investimento, pertencem ao sistema do inconsciente e estão sujeitas aos processos possíveis neste, em particular à condensação e ao deslocamento. Com isso, estabelecem-se condições idênticas àquelas vigentes na formação dos sonhos. (1917/2014a, p.477-478)

Essa questão a respeito dos destinos da pulsão, ao modo como Freud pensou a movimentação da moção pulsional, nos ajuda a fazer algumas articulações em torno desse *substituto*. A pulsão, assim como o sonho ou qualquer outra formação do inconsciente, ainda que seja por meio de seu *atrofiado substituto*, encontra “a realização de uma fantasia inconsciente” (1917/2014a, p.478). A presença mesma das fixações, figuração de uma pulsão *regressiva*, como disse Freud, é uma possibilidade de contornar o recalque e levar a uma satisfação real, que, “no entanto, é extremamente limitada e já quase irreconhecível” (1917/2014a, p.479). De todo modo, o que esse substituto da pulsão demonstra, ainda que não esteja à altura do objeto que substituiu, é que a moção pulsional continua a deslocar-se.

Só que o inconsciente e suas formações, porque não são desarticulados do *eu* – que se vale de uma estreita vinculação entre a consciência e a realidade –, devem estar de acordo com a condição de manter o *eu* protegido do *isso*, ao menos parcialmente. Nesse sentido se dá a própria existência das fixações, que, para Freud, cumprem o papel de manterem-se regressas “nas práticas e vivências da sexualidade infantil, nas tendências parciais abandonadas e nos objetos da infância que foram deixados para trás” (1917/2014a, p.479). Ao pensar a regressão, que se torna, então, marca constitutiva desse sintoma, Freud atribuiu importância a essas *vivências, tendências parciais e objetos* do sujeito, culminando em que esse sintoma fosse, necessariamente, tomado por seu “significado patogênico” (1917/2014a, p.482).

Ainda que os sintomas, por seus meios incompreensíveis de satisfação da pulsão, não lembrem “em nada aquilo que costumamos entender por satisfação” (1917/2014a, p.486), “na maioria dos casos, desconsideram o objeto e, assim, abandonam o vínculo com a realidade exterior” (1917/2014a, p.486), já estamos alertados sobre o fato de que, em alguma parte, o *eu* também se realiza com o sintoma. Quanto a isso, Freud nos alertou sobre o *benefício secundário da doença*, expressão de que “o sintoma gradualmente se torna o representante de importantes interesses” (1926/2014, p.30).

Em seu texto de 1926, Freud retoma sua *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909), texto em que narra o caso da *zoofobia histérica infantil* do “pequeno Hans”. Esse caso lhe foi exemplar do fato de que esse substituto deslocado, inibido, da moção pulsional – como parece ter acontecido na fobia do pequeno Hans –, guarda profunda relação com a angústia e a escolha de seus objetos. Naquele momento, em razão de estar diante de um conflito de ambivalência, Hans apresentava uma “ciumenta e hostil postura edípica diante do pai” (1926/2014, p.33) e precisamente, por isso, Freud apostou que sua fobia comparecia como “uma tentativa de solucionar esse conflito” (p.33).

Questionando-se sobre a possibilidade de que houvesse ligação entre a pulsão recalcada e seu substituto na fobia de animais, Freud deu outro passo importante para pensar o substituto da pulsão. As manifestações sintomáticas de Hans fizeram o objeto de desejo deslocar-se a outro, por meio da “substituição do pai pelo cavalo” (1926/2014, p.35), dando, assim, um desfecho ao seu complexo edipiano de “impulso hostil e afetuoso em relação ao pai, e o afetuoso no tocante à mãe” (1926/2014, p.40). O que esse deslocamento da pulsão fundamentalmente conserva é a asserção de que “a distorção que constitui a formação do sintoma não é feita no representante (o conteúdo ideativo) do impulso instintual a ser reprimido, mas em um completamente diferente dele” (1926/2014, p.36). Assim, o deslocamento da pulsão recalcada por meio da distorção no representante substituto da pulsão é expressão de que o recalque continua sendo um eficaz mecanismo de defesa do *eu*, contudo, ele é capaz de incidir apenas sobre o representante da pulsão (*Triebrepräsenz*), e não sobre a pulsão.

Dessa maneira passamos a um ponto bastante importante no desenvolvimento de Freud nesse texto que diz respeito às elaborações sobre a origem da angústia. O medo da castração serviu de elemento para Freud pensar a angústia como reação ao perigo nas neuroses obsessivas, nas fobias e nas histerias de conversão, mas foi das neuroses fóbicas citadas no texto, como o caso do pequeno Hans e o do Homem dos Lobos, que ele partiu. Observando o modo como os sintomas de Hans evoluíam, a partir do Complexo de Édipo como ponto de partida fundamental, Freud pôde conceber, nesse posteriormente (1926), o afeto da angústia na origem das defesas do *eu*.

A partir de agora esse afeto não será mais originado do recalque, assim como já não será considerado procedente da pulsão recalcada, “mas da *instância repressora* mesma” (1926/2014, p.43). Como nos disse Freud, “aqui é a angústia que gera a repressão, e não, como julguei anteriormente, a repressão que gera a angústia” (1926/2014, p.43). O afeto da angústia não provém da pulsão recalcada, como outrora Freud havia pensado.

Diante do fato de que o recalque do *Triebrepräsenz* não interferia na economia da moção pulsional, Freud se deu conta de que o representante da pulsão, substituto da pulsão recalcada, assim como a defesa do recalque, eles próprios são influenciados pela ação da angústia. Essa afirmação encontrou um caminho para o problema da origem do recalque, na medida em que “a angústia das fobias é uma angústia do Eu, que nasce no Eu, não procede da repressão, e sim a provoca” (1926/2014, p.45), ao passo que a origem da angústia continua inexplicada. Uma contribuição para esse impasse estava no próprio *medo da castração*, mas

Freud não tomou isso como a causa da angústia, como o fez Rank com o trauma do nascimento em sua teoria sobre as neuroses¹.

Para seguir quanto à sua investigação sobre a angústia, Freud sugere que para essas três neuroses (neurose obsessiva, fobia e histeria de conversão), “a destruição do complexo de Édipo é o ponto de partida; em todas as três, supomos, o medo da castração é o motor da oposição do Eu” (1926/2014, p.62). Com isso entendemos que, apesar de o *eu* opor-se ao *isso*, é mesmo inegável que exista entre eles absoluta coerência, que fica demonstrada na relação de mútuo beneficiamento entre o *eu* e o *isso*, entre a pulsão e a realidade. Nesse caso a oposição fundamental, nos parece, está entre o *eu* e o *supereu*. O complexo de Édipo se refere, de um modo geral, ao conflito entre a representação e o objeto, pois esse mito remonta o impasse entre o desejo desse sujeito e o modo como ele o “resolve” com a linguagem.

Como consequência de sua revisão conceitual sobre a origem da angústia, organizando-se a partir do estudo das fobias, Freud elaborou mais alguns pontos que gostaríamos de apresentar em torno do funcionamento desse afeto. Compreendida como *reação a um perigo*, Freud avaliou a angústia nesse momento como a manifestação de um perigo considerado real. Trata-se de um perigo “completamente internalizado” (1926/2014, p.68), pois nele “não há o menor traço de projeção” (p.68) e a ele “o Eu tem de subtrair-se” (p.68). A condição de que essa situação de perigo seja, no fim das contas, “a hostilidade do Super-eu” (1926/2014, p.68) localiza precisamente aí “o motor de toda formação de sintomas posterior” (p.68).

A angústia é reação à situação de perigo; dela é poupado o Eu ao fazer algo para evitar a situação ou subtrair-se a ela. Poder-se-ia dizer, então, que os sintomas são criados para evitar o desenvolvimento da angústia, mas isso não nos leva a enxergar profundamente. É mais correto dizer que os sintomas são criados para evitar a *situação de perigo* que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia. Nos casos até aqui examinados, porém, esse perigo era a castração ou algo dela derivado. (p.68)

Uma vez que os sintomas são formações que visam evitar o perigo, a angústia não poderia mais ser vista apenas como angústia de castração. A hipótese de Freud nesse momento foi a de que a angústia, então, também era “produzida como algo novo nas condições econômicas da situação” (1926/2014, p.70). Interessante é que essa alteração tenha se dado porque Freud retornou as “inervações do estado de angústia original” (1926/2014, p.74) para dizer que também elas “tinham significado e propósito” (p.74) e que, portanto, os

¹ A respeito do livro *O trauma do nascimento*, de Otto Rank, 1923, Freud concordou com ele quanto à importância das pulsões na etiologia das neuroses, mas não pôde concordar com sua formulação “de que se tornam neuróticos aqueles que, devido à força do trauma do nascimento, jamais conseguem *ab-reagir* inteiramente este” (Freud, 1926/2014, p.96).

estados de angústia reproduzem-se ao modo dessa angústia original, “sempre que um estado desses se apresenta” (p.74). Todavia, que eles sejam *reação a um estado de perigo* “não quer dizer que a angústia do nascimento seja para Freud a fonte da neurose” (Safouan, 1986, p.56). Pelo contrário, “para ele a angústia é uma experiência afetiva que pode ter acompanhado o ato do nascimento, como acompanha tantos atos humanos” (1986, p.56).

Diante dessa afirmação de Moustapha Safouan, no *Seminário Angústia-Sintoma-Inibição* (1986), retornamos àquele ponto que colocou Freud em distinção a Rank. Por isso, tomemos por um instante suas contribuições porque elas podem nos ajudar a prosseguir em torno da formação dos sintomas. Safouan (1986) apontou um problema econômico no que tange à angústia, que para ele só pode ser resolvido, em Freud, se recorrermos à “distinção entre as duas espécies de vazio” (Safouan, 1986, p.63), “mesmo que se recorra à angústia do nascimento” (p.63). Como veremos, ele retoma esse passo de Freud quanto à angústia de castração a partir do reconhecimento da *hostilidade do supereu*, para centrar a questão no *desejo*.

Embora exista, de fato, uma alteração naquela perspectiva freudiana a respeito da origem da angústia, a que nos referimos anteriormente, em que ela deixa de ser localizada como produto do recalque, bem como procedente da moção pulsional substituída, isso não responde qual a relação entre a angústia e a pulsão para que o sintoma permaneça. Como Safouan disse ao retomar precisamente esse ponto do texto freudiano, “a angústia está no princípio de toda defesa, o que não é o mesmo que dizer que essas defesas são defesas contra a angústia” (Safouan, 1986, p.57).

Se avançarmos mais um pouco com Safouan, notaremos como os problemas econômicos com que Freud se deparou ao estudar a angústia estavam diretamente ligados à questão da angústia como *signal* de perigo. Conforme Safouan afirma, o fato de que “o sinal da angústia anuncia que a representação recalçada está prestes a passar a barreira inconsciente-consciente” (Safouan, 1986, p.57) nos direciona para a noção de que a angústia é o afeto que anuncia a “proximidade do saber” (ibid.). Mas isso, segundo ele, não resolve o problema econômico, pois, mesmo assim, o recalque do representante da pulsão, que supostamente deveria somente causar prazer, continua, também, a causar desprazer.

Safouan sinalizou uma resposta para esse conflito na “realização do *Wunsch*” (p.57), ou melhor, na realização do “pensamento inconsciente” (p.54). Para Freud o *Wunsch* é recalçado pelo *eu*, “pois que essa representação é fonte de prazer” (p.54). O que Safouan acrescentou a essa afirmação é que essa representação da pulsão é recalçada justamente

“para não perder o prazer” (1986, p.54), fazendo-nos notar que nesse lugar entre o prazer e o desprazer precisamos retornar à pulsão ou ver a questão “a partir do gozo do outro” (p.53).

Para explicar melhor o *Wunsch*, Safouan recorreu a um esquema, representando os dois vazios a que é necessário fazer referência: o *vazio da necessidade* e “o *vazio do voto*, ou desejo. Voto no sentido de *Wunsch*” (p.51). O primeiro, o *vazio da necessidade* “determina um esforço que parte da própria necessidade e visa a satisfação dela mesma” (p.51), que se justifica em função de um *prazer esperado*. Enquanto que sobre o *vazio do voto*, ou o *vazio de Wunsch*, seria fundamental conservarmos a noção de que

o esforço psíquico não é feito para que se realize, mas, sim, para manter a distância em relação à sua realização, de tal forma que a linha da realização, aquela do prazer esperado, deva ser mantida à distância em relação ao *vazio do voto* (Safouan, 1986, p.53).

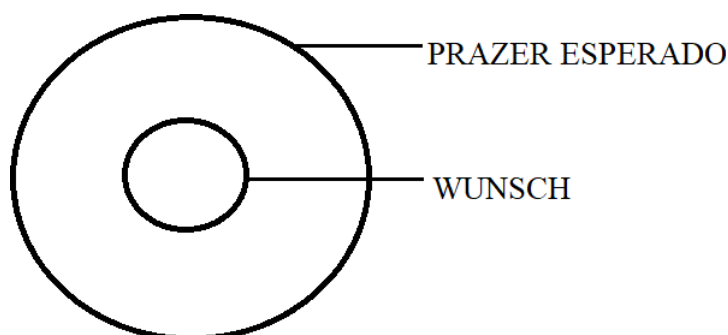


Figura 1: Esquema dos dois vazios. (Safouan, 1986, p.51)

Para Safouan, a distinção entre o recalque primário (*Urverdrängung*) e o secundário (*Verdrängung*) é importante porque há, como reação à angústia, um recalque que anuncia “uma angústia que presidiu à fórmula da representação inconsciente” (Safouan, 1986, p.58). Se a angústia que precede à pulsão atada no psiquismo é tanto aquela que noticia a possibilidade de o recalque desfazer-se como aquela que instauraria novamente o recalque, isso só se explicaria porque “esse recalque secundário (que pode ser reparado no nível da construção do sonho) aí está, apenas porque houve uma representação presa ao recalque primário” (Safouan, 1986, p.60).

O que explica a questão econômica que Safouan depreendeu de Freud é que uma parte do prazer, o *Wunsch*, é votada a não ser satisfeita, enquanto há uma outra determinada por sua condição de buscar satisfazer a necessidade que funda seu campo. Enquanto isso, a distinção entre o recalque primário e o recalque secundário nos faz retornar ao ponto em que paramos

com Freud (1926/2014): o momento em que a angústia é reprodução da angústia original, sempre que uma situação de perigo se instaura novamente. Sobre esse quesito é importante dizer que o recalque secundário confirma que a angústia é *produzida como algo novo* na economia da pulsão, como diria Freud, mas também, *reproduzida* sempre que um estado de perigo se apresenta.

Até aqui vimos como Freud localizou a angústia como afeto que nasce no *eu*, como a produção de *algo novo*, embora, ao mesmo tempo, ela seja reproduzida segundo um *recalque primordial*. Vimos também como, para Freud, esse afeto da angústia pode ser entendido como originado na *instância repressora mesma*. Freud enxerga que o recalque, assim como todo mecanismo de defesa do *eu*, provém da angústia (1926/2014). Isso acontece porque, frente ao *supereu*, a angústia, como reação a um sinal de perigo, é reproduzida como angústia de castração, mas também como produção de algo novo.

Partindo de seu questionamento sobre a procedência da angústia como afeto, Freud seguirá interessado na formação do sintoma. O que sabemos até aqui é que, como consequência à instalação da angústia que prevê uma situação de perigo, adviria um substituto da pulsão, que por sua ligação com o significado patogênico, faria vir à tona o benefício secundário da doença. Além disso, levando em consideração que o objetivo do *isso* é satisfazer a pulsão, mas também, que, notadamente, ele se encontra numa relação de *acordo* tanto com o *eu* quanto com o *supereu*, esse substituto garante que a pulsão permaneça ativa, mas sob o custo de manter-se *regressivamente fixada*.

1.3. Da realidade psíquica e no que ela é decisiva

No subitem anterior observamos como o afeto da angústia está relacionado ao mecanismo da formação do sintoma, uma vez que a pulsão se encarrega de contemplar o vazio de *Wunsch* em seus destinos. Considerando essas *vicissitudes* da pulsão recalçada, então, Freud passou a se questionar se esse desejo atuaria “apenas através de seus derivados” (1926/2014, p.86), ou se, pelo menos, parte dele se manteria na própria pulsão inalterada e inalterável. Diante do que vimos até aqui com a angústia como afeto que “preludia a formação de sintomas” (p.88), retomamos neste subitem os passos de Freud. Para ele, os sintomas são resultado de uma eficiente ação de anular o *estado de perigo* que tem dois aspectos, “um deles, que permanece oculto para nós, produz no Id a alteração pela qual o Eu é subtraído ao perigo; o outro, apresentado abertamente, mostra o que ela criou no lugar do processo instintual afetado, a formação substitutiva” (1926/2014, p.88-89).

Permanecia inexplicado, desse modo, se a pulsão se conservava como recalcada, isto é, se o desejo apenas existia através do substituto derivado dessa moção pulsional, ou se ela continuava provocando efeitos. Apresentando o estado de perigo pelo qual o *isso* geraria, como consequência, uma alteração que subtrairia o *eu* do perigo, Freud questionou se os derivados do recalcado eram prova da alteração da economia da pulsão. Esse impasse fez com que chegasse à noção de que as pulsões “se tornam condições para o perigo externo” (1926/2014, p.89) e, assim, perigosas em si mesmas. Diante disso, Freud pôde afirmar que o *eu* pode defender-se, então, ao “combater o perigo externo adotando medidas contra o perigo interno” (p.89), na medida em que uma exigência pulsional é também um perigo real.

Suspeitando que a pergunta sobre a “causa última” das neuroses fosse mesmo continuar sem uma resposta precisa, Freud condensou em três fatores os principais aspectos que reuniu sobre os sintomas e que mostram o enfrentamento das forças psíquicas entre o *eu* e o *isso*, quais sejam, o biológico, o filogenético e o psicológico.

Do fator biológico envolvido na causa das neuroses, Freud destacou, a respeito do nascimento desse bebê despreparado para a sobrevivência, sua condição de dependência a outro ser humano, prolongada por mais tempo, se comparada ao que ocorre com os outros animais. A condição biológica do homem “dá origem às primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano” (1926/2014, p.101).

Do fator filogenético, daquele que indicaria “a mais direta etiologia das neuroses” (p.102), Freud destacou que a vida sexual do ser humano “não se desenvolve de maneira contínua do início até a maturação, como a da maioria dos animais que lhe são próximos” (p.101). Após um curto período de *florescimento*, há um intervalo nesse desenvolvimento sexual infantil, que em seguida faz retornar, no período a que chamou puberdade, as pulsões rechaçadas na sexualidade infantil. Essas pulsões posteriores da puberdade correm o risco de “sucumbir à atração dos modelos infantis originais e acompanhá-los na repressão” (1926/2014, p.102). Desse modo, a hipótese de Freud foi que o desenvolvimento sexual regresso, no humano, na medida em que faz retornar as pulsões recalcadas na sexualidade infantil, constituiria uma das causas da neurose.

A respeito desse aspecto filogenético envolvido na causa da neurose, Freud chamou a atenção, ainda, para o fato de que “o primeiro contato com as exigências da sexualidade tenha, sobre o Eu, efeito semelhante ao do prematuro encontro com o mundo exterior” (1926/2014, p.102). Cabe pensar que um motivo, portanto, bastante razoável para que os “impulsos sexuais” posteriores da puberdade e, logo, também as pulsões nas neuroses adultas, estejam aderidos aos *modelos infantis originais* da pulsão é o fato de eles terem sido

experenciados *prematuramente*. E por prematuro Freud não estava se referindo à vivência antecipada de um tempo, ou uma fase, como Borges (2010) nos alertou, e sim ao fato de que as primeiras exigências sexuais da infância, pelo caráter inédito de suas moções pulsionais, definem um marco na constituição do psiquismo.

A discussão de Freud, com base nas investigações de Rank, sobre a importância etiológica das pulsões na causa das neuroses, por um lado, não foi contraditada, pois “ela diz respeito somente à relação do indivíduo com a situação de perigo” (Freud, 1926/2014, p.98). Mas, por outro lado, pode-se ressaltar o contraponto entre a teoria sobre o trauma do nascimento de Rank e a investigação de Freud sobre a formação dos sintomas. Para Freud, as pesquisas de Rank não traziam elaborações consistentes o suficiente para afirmar que a força de partos difíceis e prolongados estivesse ligada ao desenvolvimento da neurose. Freud admitia que pudesse haver a ligação entre um nascimento difícil e a neurose, mas ele apostava que o “médico” se atentasse para a possível correlação entre um fato e outro a ser apontada pelo paciente, e não que o trauma do nascimento fosse pressuposto como fator orgânico nas neuroses (1926/2014).

Com esses aspectos envolvidos na causa das neuroses (biológico, filogenético e psicológico), especialmente no que diz respeito às exigências sexuais dos modelos infantis originais, Freud buscava responder como a pulsão fixada repetia a moção recalçada inconsciente. Seu objetivo maior, assim como parece ter sido o de Rank, era o de chegar à causa das neuroses, mas Freud reconheceu que o fator filogenético era fruto de observações sobre relações quantitativas presentes na fixação a situações de perigo originais e que, assim, expressava uma inferência. Sem pretender apontar o conteúdo desse processo que diz do desenvolvimento do desejo sexual no ser humano, Freud localizou, em razão de sua experiência clínica, a ideia de que “a significação patogênica desse fator é demonstrada pelo fato de as exigências instintuais dessa sexualidade infantil serem, na maioria, tratadas como perigo pelo Eu e rechaçadas” (1926/2014, p.102). Seguindo esse seu desenvolvimento, esses “impulsos sexuais” posteriores da puberdade, permaneceriam acompanhando, através do recalque, os modelos infantis originais.

Do último fator envolvido na causa das neuroses, o psicológico, Freud o apontou com a seguinte afirmação: “atentando para os perigos da realidade, o Eu é obrigado a pôr-se em defesa contra certos impulsos instintuais do Id, a tratá-los como perigos” (1926/2014, p.102-103). Com isso, retornamos à questão de como o *eu* faz equivaler um perigo externo, real, a uma exigência pulsional, um perigo interno, portanto. O essencial é que, com esse fator, Freud tenha nos orientado para a consideração de que é, justamente, o imperfeito funcionamento do

nosso aparelho psíquico o responsável por uma precária diferenciação entre o *eu* e o *isso* – marca constitutiva desse fator psicológico.

A respeito desses fatores envolvidos na etiologia das neuroses, podemos explicitar algumas contribuições a partir dos textos de 1917, já mencionados (*Os caminhos da formação de sintomas* e *O sentido dos sintomas*). Ao retomar o substituto para a satisfação frustrada, Freud pôde atestar que esse sintoma age mediante a regressão da pulsão e “a isso se liga inseparavelmente o retorno a estágios de desenvolvimento anteriores da escolha objetal ou da organização sexual” (1917/2014a, p.485). O destaque sobre o fato de o sintoma promover “uma ação interna em vez de externa” (p.486), corrobora com sua acepção anterior sobre o caráter regresso do fator filogenético nas neuroses. Nesse sentido, o sintoma promoveria o retorno de um autoerotismo “como aquele que proporcionou ao instinto sexual suas primeiras satisfações” (p.486).

Essa *modificação corporal* do sintoma, promovida em vez de uma modificação da realidade externa, Freud a relacionou à *condensação* e ao *deslocamento*, estabelecendo que esses processos do inconsciente conservam um relevante paralelo entre o funcionamento do sonho e a formação de sintomas neuróticos. Assim, ao modo do sonho,

o sintoma apresenta como realizada uma satisfação; trata-se de uma satisfação à maneira infantil, mas que, por intermédio de uma *condensação* extrema, pode ser comprimida em uma única sensação ou inervação e, pela via de um extremo *deslocamento*, pode se restringir a um pequeno detalhe de todo o complexo libidinal. Não admira, pois, que muitas vezes tenhamos dificuldades em reconhecer no sintoma a satisfação libidinal conjecturada e sempre confirmada. (1917/2014a, p.487)

A *condensação* e o *deslocamento*, assim, constituem o modo de Freud referir-se ao fato de que, como no sonho, na formação de sintomas também está evidente que o desejo, atrás de todo mecanismo de defesa do *eu*, continua a encontrar satisfação com seus objetos parciais. Além disso, esse desenvolvimento teórico de Freud introduz a *fantasia* como outra importantíssima categoria conceitual a ser pensada por sua relação com os sintomas, na medida em que as cenas narradas pelos próprios pacientes, em que buscavam remontar lembranças de vivências infantis em que se fixou a pulsão, nem sempre, mais à frente, confirmavam-se como verdadeiras.

Em sua análise dos sintomas, Freud se deparou com o fato de que, em muitos casos, as lembranças infantis construídas em análise se constituíam como uma mistura de lembranças verdadeiras e falsas. Isso lhe permitiu afirmar que os sintomas são “ora representação de vivências ocorridas de fato, às quais cabe atribuir influência na fixação da libido, ora representação das fantasias do doente, naturalmente inadequadas para um papel etiológico”

(1917/2014a, p.488). Convencido de que informar o paciente de que sua lembrança se tratava de ser um *produto da fantasia* não implicaria, de fato, nenhum efeito concreto em sua análise, Freud percebeu que a posição do analista deveria ser a de “equiparar fantasia e realidade” (p.489). Ainda que a experiência original do paciente tenha sido fantasiosa, continua sendo verdade que “seu significado para a neurose não se faz menor por ele não as ter vivido no âmbito da realidade” (ibid.). Justamente em razão de que essas experiências apresentam, também, uma espécie de realidade, que nem sempre é *material*, mas que, decerto, é *psíquica*, que Freud afirmou que “*no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a decisiva*” (1917/2014a, p.490).

As *fantasias primordiais*, então, pensadas como “patrimônio filogenético” (1917/2014a, p.493), foram um modo de Freud responder à questão sobre como surge a necessidade das fantasias. Elas dizem respeito a uma atividade que garante que esses acontecimentos infantis fixados, “quando a realidade não os fornece, são produzidos a partir de sugestões e complementados pela fantasia” (p.492). Assim, através dessas fantasias, o sujeito ia “além de suas vivências pessoais” (1917/2014a, p.493), recorrendo “àquelas de tempos primordiais, onde suas próprias vivências se tenham mostrado muito rudimentares” (ibid.). Sua afirmação demonstra que as fantasias conservam na realidade psíquica a função de investir o sujeito daquele material psíquico que é notoriamente fonte pulsional.

Ainda que não façam parte da realidade concreta dos fatos vividos pelo sujeito, já que são livres da *prova de realidade*, as fantasias não deixam de cumprir com competência o papel de realizar-se na vida psíquica. Para Freud não resta dúvida, portanto, “de que deter-se na realização da fantasia traz consigo uma satisfação, embora isso não turve o conhecimento de que não é a realidade” (1917/2014a, p.494). Importa que “o reino psíquico da fantasia” (ibid.) cumpra, nessa partilha (mas, também, diferenciação) entre exterior e interior, sua função de permitir que o sujeito seja “alternadamente, um animal de prazer e, de novo, uma criatura sensata” (1917/2014a, p.494).

Em *O sentido dos sintomas* (1917/2014b), para exemplificar que além de conservar um sentido e uma satisfação realizados na fantasia, o sintoma “guarda também relação com a vida das pessoas” (1917/2014b, p.344), Freud recorrerá a uma descrição sintomatológica da neurose obsessiva, ainda que o essencial de sua concepção se estenda para todos os demais casos. Freud relatou nesse texto sua observação clínica de que o neurótico obsessivo era acometido de pensamentos impulsivos dos quais ele não podia se livrar e que levavam a comportamentos compulsivos. Esse sujeito via-se cumprindo rituais e especulando sobre

atividades diárias “como se estivesse ante a tarefa mais importante de sua vida” (1917/2014b, p.345).

Com esses rituais, o paciente neurótico apenas poderia deslocar de uma obsessão para outra, “mas não eliminá-la” (1917/2014b, p.346); poderia “substituir uma ideia tola por outra que de algum modo é mais atenuada, proceder de uma cautela ou proibição a outra, realizar um cerimonial em lugar de outro” (1917/2014b, p.346), mas não livrar-se dos pensamentos compulsivos e das manifestações de sua neurose. Entretanto, essas percepções de Freud não invalidaram o fato de que geralmente o neurótico obsessivo seja um sujeito bastante enérgico, com obstinada conduta e expressiva inteligência. Mais detalhes Freud ofereceu sobre a maneira como se apresenta a neurose obsessiva, mas o essencial de sua exposição, sabendo que se trata aqui apenas de uma descrição da sintomatologia, é a noção de que a interpretação do sintoma pode ser circundada pelo sentido das ações obsessivas do paciente.

Em seguida, fazendo frente a uma psiquiatria clássica organicista de seu tempo, Freud retoma o termo *dégénérés supérieurs*, criado por ela para designar como “degenerado” o neurótico obsessivo. Em virtude de que esse termo nada explicava, Freud pôde assegurar que a psiquiatria “dá nomes às diversas obsessões, e nada mais diz a seu respeito” (1917/2014b, p.347). Ao contrário da posição do médico, que busca ajudar extinguindo as manifestações sintomáticas do paciente, Freud estava insistindo na noção de que os sintomas apresentam um sentido e *algo real*. Assim, ele promoveu uma clínica em que o paciente falava livremente – uma hora estabelecendo conexões importantes entre um evento e uma lembrança, em outra reconstituindo a cena de um sonho, ora queixando-se do desfecho de outra cena, etc. Somente a partir daí é que as intervenções do analista podiam comparecer, mesmo que buscando rever o sentido de determinados eventos. Seu intuito não era o de *regenerar* o neurótico obsessivo, mas o de fazer operar, por meio de sua intervenção, uma abertura para o paciente deparar-se com seus desejos inconscientes.

A seu modo, Freud acabou dando respostas à psiquiatria porque sua psicanálise, mesmo sem a pretensão de alcançar resultados relativos à cura da doença, foi capaz de promover efeitos clínicos quanto a uma remoção *duradoura* dos “sintomas obsessivos singulares e outros males” (1917/2014b, p.348). O relato de suas intervenções clínicas mostra que os avanços de seus pacientes parecem ter sido efeito do fato de que o sentido do sintoma foi, ao menos provisoriamente, articulado a uma representação inconsciente do sujeito, mas, sobretudo, que uma suposta explicação para as formações sintomáticas do paciente não pode ser sabida primeiro pelo analista. Para dar provas disso, Freud retomou o caso de uma jovem

que atendeu, estabelecendo conexões entre um ritual obsessivo que ela realizava muitas vezes ao dia e uma cena ocorrida, havia mais de dez anos, entre ela, o marido e uma funcionária.

A respeito das ações obsessivas da jovem, ele definiu que “a explicação foi encontrada da maneira mais irreparável e irrepreensível, sem nenhuma contribuição por parte do médico” (1917/2014b, p.349), sem que ele pudesse ter chegado “a uma suposição qualquer sobre o sentido daquela ação obsessiva ou a uma indicação de como interpretá-la” (p.349). Conforme o relato do caso de sua paciente, Freud fez notar que a resposta estava na conexão entre a cena presenciada por ela na manhã seguinte à noite de núpcias de seu casamento (em que o marido camufla sua impotência sexual) e o ritual obsessivo envolvendo sua funcionária. Foi somente dez anos depois que tal conexão pôde emergir, a partir da constante repetição da cena original. Contudo, o fundamental a se destacar é que a resposta tenha sido relatada pela própria paciente, apesar do esforço de Freud em tentar fazer o quadro da paciente progredir questionando-lhe constantemente o sentido de sua ação obsessiva.

Esse caso foi exemplar para Freud do fato de que o sintoma se encarrega de ser como “uma representação, uma repetição *daquela cena significativa*” (1917/2014b, p.350), no sentido de que a cena significativa é aquela em que o *cerne* da questão do sintoma está envolvido. Mais do que isso, essa cena religiosamente refeita pela paciente (caminhar de seu quarto para o quarto vizinho, em seguida, tocar a sineta para chamar a funcionária e, por fim, voltar para seu quarto), tal como Freud foi detalhando, visava tornar seu “desejo como realizado” (p.351), dando um desfecho à cena atual diferente daquele da cena traumática. Por consequência, esse desfecho programado pela paciente cumpriu, em sua fantasia, o papel de suplantar o desfecho da cena significativa, ao passo em que serviu “ao propósito de elevar o homem [seu marido] acima de seu infortúnio de então” (p.351). Nessa direção, Freud mostrou que o sentido atribuído a esses episódios relatados pela paciente só foi construído dessa maneira porque estava em consonância com o que era o objetivo maior de seu sintoma.

O segredo mais profundo de sua enfermidade é que, por meio dela, essa senhora protege o marido da maledicência, justifica o fato de morar separada dele e lhe possibilita uma confortável vida solitária. Assim, a análise de uma inofensiva ação obsessiva nos conduz por via direta ao cerne mais íntimo de um caso patológico, ao mesmo tempo em que nos revela uma porção nada desprezível do segredo da própria neurose obsessiva. (1917/2014b, p.351-352)

Assegurando que a ação obsessiva de sua paciente continha um sentido, Freud esteve atento ao fato de que ele estava em consonância com o *cerne íntimo de seu caso patológico*. Desse modo, a análise do que sua paciente narrou sobre a ação obsessiva que desempenhava muitas vezes ao dia conduziu-o ao *segredo* de sua neurose obsessiva, pois, quanto mais essa paciente, identificada a seu marido, detalhasse a rotina entre eles, ou remontasse em análise

sua ação obsessiva, tanto mais ela daria provas de que existia entre esses eventos uma linha em comum. Além disso, Freud relatou que a pertinente relação entre a *cena obsessiva atual* e a *cena significativa* feita por sua paciente sucedeu após uma intervenção sua a respeito de “uma grande questão de princípios com que ela lutava” (1917/2014b, p.349). Assim, ele justifica por que seus questionamentos pontuais e diretos à paciente, no que diz respeito ao sentido de seus sintomas, não surtiram efeito: em razão de o *eu* defender-se recalcando o representante da pulsão. Foi necessário recorrer, então, à investigação daquilo que estaria “para além” do que ocorria nesse plano secundário, como a ação obsessiva, o que só foi possível a partir da emergência de uma nova conexão à cena original.

Diante do que esse caso mostrou, Freud constatou que esse substituto da pulsão era consoante ao cerne íntimo do sintoma da paciente e, que, igualmente, ainda que suas intervenções pudessem adiantar para ela o sentido daquelas coisas que falava sem saber, os avanços em torno da descoberta do sentido das ações obsessivas tiveram de ter sido alcançados propriamente por ela. Tudo isso culmina em que o analista, diante do relato de seu paciente, não faça as vezes de um médico que busca curar a incorreção ou imperfeição de seu paciente; como mostra a própria experiência de Freud, se houver a remissão de algum sintoma, será em consequência de alguma *outra coisa*. Interessante também foi a percepção de que a análise de uma ação obsessiva, que parecia pouco significativa em um primeiro momento, tenha conduzido à intimidade da vida sexual da paciente. O caso dessa jovem em sua noite de núpcias foi exemplar do fato de que existe relação entre a análise de um sintoma e a sexualidade do sujeito; esse fato foi notado mais de uma vez, conforme Freud nos mostra.

Mais à frente, para dizer que o sentido do sintoma está ligado às vivências do doente, Freud afirma que a análise só se justifica mesmo em um nível *individualizado*, o que quer dizer, de acordo com as condições individuais de cada caso. Embora também estivesse preocupado em oferecer aos leitores características “típicas” que poderiam ser encontradas, se não em todas as doenças psíquicas, ao menos em casos de sintomas neuróticos, como a tendência a “repetir, ritmar afazeres e isolá-los de outros” (1917/2014b, p.361) no caso da *neurose obsessiva*, ou o medo de “espaços fechados, grandes praças abertas, ruas ou alamedas compridas” (1917/2014b, p.362) no caso dos pacientes que sofrem de *agorafobia*, Freud insistia em dizer que “cada doente isolado exhibe condições individuais – humores, por assim dizer – que se contradizem a cada caso” (p.362).

Ele supunha existir pontos em comum entre os sintomas individuais, que dependem exclusivamente da história do paciente e os sintomas típicos, que remetem a “vivências específicas, típicas em si mesmas e comuns a todos” (1917/2014b, p.363). Dessa maneira, sua

hipótese nesse momento foi a de que não haveria “por que supor a existência de uma diferença fundamental entre um tipo e outro de sintoma” (p.363). Todavia, mesmo que essas elaborações sobre os sintomas típicos e os sintomas individuais tivessem um caráter inconclusivo, justamente o que ele pretendia era afirmar que o caráter individual de cada sintoma é que pode diferenciá-los. Ao sustentar que o significado de um sintoma fosse uma construção individualizada, Freud buscava assegurar que ele fosse tomado em consonância com o que o paciente diz, e não que fosse, com isso, encerrado em si próprio, tomado como se não estivesse em profunda conexão com outros elementos. Um sintoma neurótico individual, assim sendo, poderia ser significado de forma satisfatória, contanto que o analista se atentasse para as relações entre as manifestações do sintoma e as vivências que o paciente narra.

Outra coisa que Freud nos diz é que essa mesma característica que acompanha os sonhos, a de ser “altamente diverso em sua individualidade” (1917/2014b, p.363), reafirma, por consequência, que mesmo os traços repetidos no sintoma neurótico ou no sonho do paciente, resultam em dificuldades à *decifração*. O que a realidade psíquica deixa transparecer por meio da atividade da fantasia se mostra nesse caráter individual que Freud atesta, pois ela aponta para o desejo que envolve as formações do inconsciente. O sentido do sintoma, assim, só pode ser esboçado individualmente, tanto porque deve partir do relato do paciente, como porque está aliado à realização que aquele sintoma cumpre na fantasia do sujeito. Mas, também, o fato de que a explicação para a formação do inconsciente encontre suporte nas pulsões fixadas à sexualidade infantil, localiza precisamente no corpo, o caráter real que Freud reclamou ao sintoma.

A realidade psíquica, então, é decisiva para tornar real uma experiência não necessariamente vivida, demonstrando que o sentido de uma ação sintomática não está em seus aspectos fenomênicos, tampouco em sua descrição para classificá-los. Isto é, a consideração assumida aqui, de que o sintoma é uma escrita, ou seja, formação do inconsciente estruturado como linguagem, contrapõe-se radicalmente à concepção que o reduz a mais um expediente (ou a um *modo de falar*, conforme refutação de Freud a Janet). Em síntese, o sintoma, para a psicanálise, não é tratado de modo semelhante ao que ocorre na psiquiatria, que justifica sua eficácia justamente fazendo parar as suas manifestações no corpo. Já a psicanálise não pode dispensar seu estatuto concreto, aquele que convoca o sujeito falante no emaranhado discursivo de seu desejo inconsciente. O sintoma, como vimos, reforça o enlace entre a pulsão e a realidade, e é por isso que o relato das formações do inconsciente é condicionado a se estruturar *em palavras*.

2- A letra freudiana na descoberta do inconsciente

E como não haveria até mesmo um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isso, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas? (Lacan, 1957/1998, p.497)

Em nosso capítulo anterior, vimos que Freud relacionou o sentido do sonho ao do sintoma, em virtude de que, para a psicanálise importa fundamentalmente que a *interpretação* do analista abra o campo das associações possíveis à realidade psíquica do sujeito. Ele se ocupou dos processos psíquicos envolvidos na formação dos substitutos da pulsão recalcada, como o afeto da angústia e a inibição das funções do *eu*, mas numa posição distinta do médico psiquiatra clássico de seu tempo. Sendo assim, podemos notar que a angústia do *eu* está ligada ao vazio de *Wunsch*, pois esse afeto rememora a angústia do nascimento, enquanto tem, também, a propriedade de produzir algo novo. Além disso, Freud nos mostrou que as formações do inconsciente desse sujeito encontram substitutos para a pulsão, distanciando-se um tanto da pulsão original, ao mesmo tempo em que esses sintomas conservam, na fantasia do sujeito, a satisfação das moções pulsionais.

Agora, com *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud*, de 1957, queremos pensar a invenção freudiana sob a perspectiva com que Lacan retorna a Freud nesse texto, por via da metáfora e da metonímia como consequências da *Verdichtung*, da condensação, e do *Verschiebung*, do deslocamento. Nosso objetivo aqui é demonstrar que a *interpretação* da letra da descoberta freudiana, ao contrário do que daria a entender a leitura de um *inconsciente instintivo ou elementar*, só pode mesmo confirmar que o inconsciente se trata de ser uma questão de linguagem. Para isso, julgamos importante a noção lacaniana de que a partir das leis da linguagem, ou seja, a partir da metáfora e da metonímia, podemos pensar o *sujeito falante* tanto em seu compromisso com seu desejo, como em sua adesão ao sintoma. Lacan aponta, nessa articulação, a referência ao Outro como confirmação de que as formações do inconsciente refletem a questão do sujeito e sua falta.

2.1. Da letra e seu sentido

Lacan iniciou *A instância da letra* (1957/1998) avisando ao leitor que esse seu texto se situa em algum lugar entre o escrito e a fala. Não poderia ser um escrito, segundo ele, porque “o escrito distingue-se, com efeito, por uma prevalência do *texto*” (1957/1998, p.496), ao passo que esse trecho dos *Escritos* (1998), porque quis que mantivesse o efeito de formação que procurou em seus seminários, conferindo a propriedade que se encarregou de

alimentar em suas lições pronunciadas “com uma contribuição sempre inédita” (p.496), Lacan o localizou não muito distante da fala. Assim, ele reforçou a importância atribuída por Freud a esse efeito da fala, primeiro porque esse é o modo com que o paciente, em análise, estrutura as formações do inconsciente. Mas também, porque ao afirmar que *A instância da letra* não se constitui como um escrito, ele nos redireciona ao fato de que retornar ao método psicanalítico pressupõe que um *dizer* possa levar a outro.

Como as acepções iniciais de Lacan asseveram, a fala está em um campo distinto da escrita, mas não exploraremos consequências disso nesta pesquisa, pois esse passo demandaria outro tempo para a continuidade de nossas pesquisas. Em vez disso, acompanhando o primeiro subtítulo desse texto de Lacan (*O sentido da letra*), nos interessa especialmente, já tendo percorrido um certo trajeto com Freud a respeito do sintoma, ver que o sentido do inconsciente deve ser lido “muito simplesmente, ao pé da letra” (1957/1998, p.498). A busca por encontrar na letra um sentido, então, parte da consideração de que ela se constitui como “este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (1957/1998, p.498). Definindo-a desse modo, Lacan chamou a atenção para que a linguagem não se confunda com “as diversas funções somáticas e psíquicas que a desservem no sujeito falante” (p.498), “pela razão primeira de que a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (1957/1998, p.498).

Tomando a letra como esse suporte emprestado pela linguagem ao discurso, Lacan define que o campo de atuação da psicanálise se vale da função mesma das duas vertentes do efeito significante da letra. Isso seria o mesmo que dizer que as condições com que se cria a *significação* das formações do inconsciente são exatamente iguais às daquelas das afasias, pois ela se dá na distribuição dos déficits desse aparelho psíquico segundo essas duas vertentes de que Lacan trata nesse texto. A partir desse momento, Lacan aproxima essa *linguagem* de que trata em seu ensino, e que também define o campo de atuação de um psicanalista, daquela mesma que dá condições para que um discurso concreto instaure uma *tradição*. Assim, essa linguagem fica localizada precisamente como o que, por seus efeitos de significante, “funda as estruturas elementares da cultura” (1957/1998, p.499).

A letra a que se refere, dessa maneira, é aquela mesma que ofereceu à linguística, “ou seja, o estudo das línguas existentes em sua estrutura e nas leis que nela se revelam” (1957/1998, p.499, nota de rodapé), a permissão de constituir-se como ciência-mãe para as denominadas Ciências Humanas. Lacan atribuiu a essa virada conceitual a importância de tomar a língua como objeto científico, ou seja, a partir da linguística em sua *posição-piloto*

de ter elevado a linguagem ao “status de objeto científico” (1957/1998, p.499). Esse movimento na construção dos saberes científicos só foi possível a partir da concepção do que se chama “ciência moderna”, atribuição conferida à Ferdinand de Saussure. E justamente em referência a isso, Lacan definiu que a fundação dessa ciência é sustentada por um algoritmo. Esse algoritmo foi representado do modo como se segue, onde se lê “significante sobre significado” (p. 500):

$$\frac{S}{s}$$

Figura 2: Algoritmo do signo saussureano. (Lacan, 1957/1998, p.500)

A propósito de que o mérito de Saussure pela formalização do signo assim referido fosse conservado, ainda que “não se reduza estritamente a essa forma” (Lacan, 1957/1998, p.500) em nenhum de seus esquemas, Lacan reportou-se ao fato de a linguística ter sido a primeira ciência a ocupar-se do significante e do significado como ordens separadas. Assim, ele não só define o ponto de partida de Saussure, como também explicita que essa mesma linguística que permitiu o nascimento de um sujeito científico, por sua formalização do significante apartado, pela barra, do significado, é também aquela da qual Lacan deve distinguir sua psicanálise.

Para chegar ao que propõe nesse texto, Lacan grafará o algoritmo saussureano de uma forma peculiar, diferente daquelas que compareciam nas publicações que circulavam na época, nas quais o *conceito* é posto acima da *imagem acústica*, e também o significado, acima do significante. Ele, por sua vez, não apenas insiste na distinção entre essas categorias, mas também opta por grafá-las com letras, o *S* e o *s*. E mais do que isso: retira o círculo em que elas se fechavam e grava o *s* (significado) abaixo do *S* (significante). Segundo ele, é assim que a linguística se consolida como ciência; justamente pela apreensão do significante e do significado “como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação” (Lacan, 1957/1998, p.500). Essa distinção primordial se justifica em razão de que é a partir dela que a criação de toda significação deve ser pensada. Quanto a isso ele comenta: isso que constituiu a linguística como ciência, demonstrado pelo algoritmo que define o significante em sua diferença elementar com relação ao significado, “tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado” (p.500).

Com a afirmação de que essa distinção entre significante e significado “vai muito além do debate relativo à arbitrariedade do signo” (Lacan, 1957/1998, p.500), ou do impasse “que se opõe à correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa” (p.500), Lacan quer demonstrar que a psicanálise não está interessada nas consequências dessa contribuição pelo viés da representação. Pois, se seguíssemos uma linha de pensamento que concordasse com determinados métodos, que partem do pressuposto inicial de que a aprendizagem é a marca do desenvolvimento humano, isso nos levaria à concepção de que o objeto encontrou seu referente. E como adiantou Lacan, “por essa via, as coisas não podem fazer mais que demonstrar que *nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação*” (p.501). Tudo isso culmina em dizer que o significante não “atende à função de representar o significado” (p.501).

Se formos discernir na linguagem a constituição do objeto, só poderemos constatar que ela se encontra apenas no nível do conceito, bem diferente de qualquer nominativo, e que a *coisa*, evidentemente ao se reduzir ao nome, cinde-se no duplo raio divergente: o da causa em que ela encontrou abrigo em nossa língua e o do nada ao qual abandonou sua veste latina. (Lacan, 1957/1998, p.501)

No que diz respeito à criação da significação, onde se pressupõe haver relação entre a coisa e seu nome, Lacan enfatiza a noção de que o significante se constitui como o elemento da cadeia responsável não por ela, mas por seus efeitos. Desse modo, essa psicanálise, porque se conserva em contraponto a um positivismo lógico em *busca do sentido*, depois do conceito de língua forjado por Saussure, teve de se localizar onde “se constata que o texto mais carregado de sentido desfaz-se, nessa análise, em bagatelas insignificantes” (Lacan, 1957/1998, p.501). De acordo com Lacan, dessa busca pelo sentido somente resistiriam “os algoritmos matemáticos, os quais, como seria de se esperar, são sem sentido algum” (p.501). Para exemplificar a “dimensão incongruente à qual o psicanalista ainda não renunciou por completo” (1957/1998, p.502), Lacan dispõe de um esquema, como na representação que segue, com a qual pretende mostrar que o significado não está contido no significante.

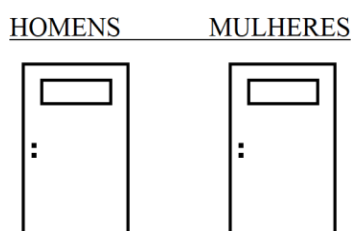


Figura 3: Esquema Homens/Mulheres. (Lacan, 1957/1998, p.502)

Com esse esquema, Lacan demonstra o efeito de significação que adveio da duplicação de dois significantes (Homens e Mulheres) somada à duplicidade da imagem da porta. Sem que o significado estivesse contido nos significantes desse esquema, esse efeito produziu, nesse caso, o sentido que as culturas ocidentais atribuem à convenção social que torna imperativa “a segregação urinária” (1957/1998, p.503). Somado a isso, surge a partir desse esquema, uma “inesperada precipitação de sentido” (p.503), de onde se nota que um desses efeitos significantes contidos nesse “imperativo que ele [o homem ocidental] parece compartilhar com a grande maioria das comunidades primitivas” (p.503), evidencia a *questão* mesma a que esse sujeito falante parece estar submetido, pois “coloca a questão *de seu lugar* na realidade” (1957/1998, p.503). Lacan está falando, portanto, aproveitando-se de Homens e de Mulheres, que, se esses dois significantes *entram no significado*, isso não se dá sob um ponto de vista nominalista, e sim porque esse significante que estava, a priori, desarticulado, transpôs a barra do algoritmo para dar acesso a uma significação.

Para dizer de um modo distinto que a função do significante não se confunde com a do significado, Lacan dará outro exemplo, utilizando, mais uma vez, dos significantes Homens e Mulheres. Em uma cabine do trem em que viajavam dois irmãos, uma menina e um menino sentados frente a frente, os dois olhavam para a estação no lado de fora em busca de saber a que plataforma chegaram: “‘Olha!, diz o irmão, chegamos a Mulheres!’; ‘Imbecil! Responde a irmã, não está vendo que nós estamos em Homens?’” (Lacan, 1957/1998, p.503). Com esse exemplo Lacan retoma a resistência da significação, que é verdadeira não porque existe entre significante e significado uma relação biunívoca, mas porque em razão de o significante manter-se separado por uma barra do significado, é certo dizer que a dimensão significante *não comporta nenhuma significação* (1957/1998). Assim, se da relação entre os significantes Homens e Mulheres resulta a criação de significação, isso será possível na medida em que o significante entra no significado e isso irradia “luz nas trevas das significações inacabadas” (1957/1998, p.503).

Ainda nessa direção, Lacan diz do modo como o significante do algoritmo $\frac{S}{s}$ transpõe a barra para fazer conexão, o que quer dizer, o modo como o S do algoritmo saussureano é tomado sem a barra para fazer advir, então, um significado.

Uma coisa é certa: é que esse acesso, pelo menos, não deve comportar nenhuma significação, se o algoritmo $\frac{S}{s}$, com sua barra, lhe convém. Pois o algoritmo, na medida em que ele mesmo é apenas pura $\frac{S}{s}$ função do significante, só pode revelar uma estrutura de significante nessa transferência. (1957/1998, p.504)

A barra que separa significante e significado é contrária à significação, portanto um significante, para valer-se de sua função de entrar no significado, deverá estar articulado aos elementos da cadeia discursiva. Para Lacan, isso significa dizer que o significante, tomado em suas unidades, funciona sob duas condições: a primeira delas é a de que essas unidades estejam submetidas à condição de se “reduzirem a elementos diferenciais últimos” (1957/1998, p.504); e a outra faz com que se componham “segundo as leis de uma ordem fechada” (p.504).

Esses elementos diferenciais últimos são os *fonemas*, descoberta que Lacan atribuiu à linguística. Cumprem uma função de representação dos sons das letras do alfabeto, mas com eles Lacan não quer buscar uma “constância fonética na variabilidade modulatória em que se aplica esse termo” (1957/1998, p.504), quer seja, nesse momento não importa as semelhanças entre a representação dos sons que o alfabeto fonético promove e as letras do alfabeto que eles representam. Os fonemas importam como “o sistema sincrônico dos pareamentos diferenciais necessários ao discernimento dos vocábulos numa dada língua” (1957/1998, p.504), portanto, como um sistema que reúne os sons que nos fazem discernir uma letra da outra. O mesmo acontece na escrita, e para afirmar que a letra é essa “estrutura essencialmente localizada do significante” (1957/1998, p.505), Lacan relembra os sistemas tipográficos franceses *Didots* e *Garamonds* – que tornam expressivo o fato de que a escrita, em razão desse tipo de impressão ser feita originariamente letra a letra, e de modo manual, que ela é composta de unidades significantes.

A segunda condição a que está submetida a unidade significante, a “de se compor segundo as leis de uma ordem fechada” (p.504), segundo Lacan, faz-se necessário recorrer à noção de *cadeia significante*. A figura dos “anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis” (1957/1998, p.505) representa para ele o funcionamento encadeado a que o efeito significante está submetido.

Assim, em outras palavras, essas duas condições do significante, uma como *gramática* e outra como *léxica*, determinam “que somente as correlações do significante com o significante fornecem o padrão de qualquer busca de significação” (p.505). No entanto, essa significação não é *irrestrita*, quer seja, essas conexões entre os significantes têm seu limite, pois o significante, “por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão” (p.505). Desse modo, os significantes articulados podem fazer a significação advir, mas o significado não estará contido nessas unidades do significante. Disso decorre a afirmação de que “é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum

dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento” (p.506).

Naquilo que os elementos significantes se articulam no discurso, “impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante” (1957/1998, p.506). Assim, buscando estender as elaborações em torno do campo do significante, Lacan define que é preciso considerá-lo *polifônico*, uma vez que a *linearidade*, embora também seja “constitutiva da cadeia do discurso” (p.506), não é suficiente para exprimir seu funcionamento. Para confirmar essa noção, Lacan se serve da metonímia e da metáfora como as leis da linguagem que designam o funcionamento dessas articulações no discurso. Delas, ele depreende as duas vertentes do efeito significante.

Da metonímia, ou da “primeira vertente do campo efetivo que o significante constitui” (1957/1998, p.510), para que no discurso tenha um lugar o sentido, Lacan nos apresenta sua “lei do paralelismo do significante” (p.507). As articulações desses significantes abrem margem para a transposição da barra, ou para a ascensão do significado, mas o que fundamentalmente se conserva do uso da metonímia, é que essa lei da linguagem “só pode operar por estar presente no sujeito” (p.508). Para Lacan, é precisamente o sujeito quem atesta que o significante “passou ao patamar do significado” (p.508). Da mesma forma, que o significante permaneça obscuro, como no caso em que Homens e Mulheres estivessem, para as crianças da viagem de trem, escritos em uma língua estrangeira, isso ainda não o tornaria menos apto “a se carregar de significação” (ibid.).

O que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, isto é, em que essa língua existe, de me servir dela para expressar *algo completamente diferente* do que ela diz. (Lacan, 1957/1998, p.508)

Assim, a estrutura metonímica implica a possibilidade de que, por meio da ligação entre significantes, sentidos absolutamente diversos advenham. Para Lacan, assim é que se mostra essa dimensão significante da linguagem: por meio da conexão de significantes que explicita seu funcionamento “no de *palavra em palavra*” (p.509). Quanto a essa formulação para referir-se à metonímia, Lacan não deixa de render homenagens a Roman Jakobson. Ele defende que os trabalhos desse estudioso oferecem exposições teóricas com as quais o psicanalista pode “estruturar sua experiência, e que tornam supérfluas as ‘comunicações pessoais’” (Lacan, 1957/1998, p.509).

A partir disso Lacan introduz a segunda vertente do campo efetivo que o significante constitui, a metáfora, localizando-a de modo distinto ao que pressupuseram os surrealistas

com sua escrita automática. A metáfora “não brota da presentificação de duas imagens” (1957/1998, p.510), ou da conexão entre significantes que define a metonímia. Ela se consolida, como Lacan nos assegura, “entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia signifiante” (p.510). Dessa maneira, a metonímia é a lei da linguagem que dá condições para que aquele signifiante que ficaria oculto na cadeia discursiva, continue articulado; no entanto, no momento em que o signifiante atual substitui o signifiante oculto, isso passa a se chamar metáfora. Se por um lado a metonímia consiste em dar-se de *palavra em palavra*, a metáfora, por sua vez, torna característica a fórmula “*uma palavra por outra*” (Lacan, 1957/1998, p.510).

Vemos que a metáfora se coloca no ponto exato em que o sentido se produz no não-senso, isto é, na passagem sobre a qual Freud descobriu que, transposta às avessas, dá lugar à palavra que é, em francês, “a palavra”² por excelência, a palavra que não tem outro patrocínio senão o signifiante da espíritosidade, e onde se vislumbra que é seu próprio destino que o homem desafia através da derrisão do signifiante. (p.512)

A metáfora, para Lacan, se demonstra na passagem de *le mot*, a palavra em francês, para *le bon mot* e, assim, expressa que o sentido escapole do signifiante. Isso diz que o discurso a que Lacan se refere goza da qualidade de designar uma face do signifiante que funda a existência do sujeito, mas também, “aquele [signifiante] que o abole metaforicamente” (p.511). Daí é que, mesmo com a substituição do signifiante, porque há um sujeito fazendo uso da metáfora, surge a possibilidade da significação. Porque o sujeito é central na elaboração sobre as leis da linguagem, é que Lacan pensará o S do algoritmo saussureano metafórica e metonimicamente. Além disso, Lacan retoma da descoberta freudiana, justamente porque o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a metáfora e a metonímia como leis da linguagem e as articula com a elaboração de Jakobson, que as considera como leis que regem uma língua, tanto em seu funcionamento considerado “normal” quanto nos episódios próprios ao que ocorre nas afasias.

Para observarmos a radicalidade com que Lacan se implica com essa chave de leitura para a letra freudiana, levemos em conta esta sua provocação: “acaso já não sentimos há algum tempo que, por ter seguido os caminhos da letra para chegar à verdade freudiana, ardemos em seu fogo, que consome por toda parte?” (p.512). O sentido da letra, tal como notamos até aqui, é o inconsciente que estrutura e para tomá-lo ao pé da letra, então, é preciso saber que o sentido das formações do inconsciente, ou a *significância* delas, nem sempre comparece. Entretanto, que a letra demonstre “produzir todos os seus efeitos de verdade no homem” (1957/1998, p.513) significa que o efeito do signifiante no discurso seja aquele que

² *Le mot* ou *Le bon mot*, que em francês designa o chiste, o dito espirituoso.

se vale do “efeito da verdade sobre o desejo” (1957/1998, p.512). Isto é, ainda que uma das faces desse significante seja o da resistência à significação, uma outra face é aquela em que o sentido se abre. No próximo subitem, portanto, buscaremos tirar consequências da aproximação entre a verdade e o desejo do sujeito porque, com isso, nos voltaremos para o que liga essa metonímia ao sintoma metafórico. Foi precisamente isso que nos falou Freud com sua psicanálise, que o sujeito se encontra inarredável de seu desejo inconsciente.

2.2. A letra no inconsciente

Esse segundo subtítulo do texto, Lacan o inicia retomando *A interpretação dos sonhos* de 1900, texto com que Freud “abre com sua obra a via régia para o inconsciente” (Lacan, 1957/1998, p.513). Em um primeiro tempo, Lacan está localizando ao lado da *Traumdeutung* de Freud, a noção de que o sonho se lê ao pé da letra, ou a partir daquilo “que se prende à instância, no sonho, dessa mesma estrutura literante (em outras palavras, fonemática) em que se articula e se analisa o significante no discurso” (1957/1998, p.513). Disso depreendemos o que Lacan articulou anteriormente, que o significante não responde pela significação na cadeia. Mas há também uma outra ideia presente nessa leitura lacaniana da *Traumdeutung* de Freud, a que destaca o sonho como um rébus, em que ele vale “por seu valor de significante” (1957/1998, p.514) que pode ser retido. Assim, tendo em vista que “essa estrutura de linguagem que possibilita a operação da leitura está no princípio da *significância do sonho*, da *Traumdeutung*” (p.514), Lacan ressalta que o “valor de significante da imagem nada tem a ver com sua significação” (p.514).

Daqui foi que ele partiu para afirmar que, em razão de Freud ter depurado o inconsciente ao modo de uma escrita hieroglífica, suas formações estão condicionadas aos efeitos significantes da letra. Portanto, quando Freud recorreu aos hieróglifos do Egito na *Traumdeutung*, apontou, na visão de Lacan, para o fato de que esse inconsciente, como no caso de uma escrita ideogramática, precisa ser *decifrado*. Isso significa que, para decifrar as letras dessa escrita do sonho, Freud se orientou “por certos empregos do significante” (Lacan, 1957/1998, p.514), o que se distingue da ação de tentar decodificar o sonho. Para Lacan, um psicanalista sem formação linguística pode ser levado pelo “preconceito de um simbolismo que deriva da analogia natural, ou então da imagem redutora do instinto” (ibid.). Ele comenta que agir assim seria como fazer equivaler “ver na borra de café” e “ler hieróglifos”, o que estaria completamente “fora da visada do inconsciente” (ibid.). Depois desse alerta, reforça

de modo preciso: a questão principal é que Freud nos remete “ao fato de que estamos numa escrita em que até o pretense ‘ideograma’ é uma letra” (p.514).

Então, para chegar ao que está chamando de *letra no inconsciente*, Lacan recupera o termo freudiano *Entstellung*, traduzido por transposição, que se refere à “precondição geral da função do sonho” (1957/1998, p.514), e que Freud utilizou para chegar à condensação e ao deslocamento. Dessa maneira se designa o que Lacan propôs com “o deslizamento do significado sob o significante” (p.514): que a significação esteja “sempre em ação (inconsciente, note-se) no discurso” (p.514). Desse modo, além da transposição, da *Entstellung*, confirmar que o inconsciente se presta a uma decifração, e não a uma decodificação da letra, estabelece, também, “as duas vertentes da incidência do significante no significado” (1957/1998, p.515), a condensação e o deslocamento.

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta.

A *Verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura. (Lacan, 1957/1998, p.515)

O trabalho do sonho, Traumarbeit, exhibe a condição que estrutura o mecanismo do sonho como uma escrita, pois ele desempenha a função de manter o sujeito ao lado da verdade sobre seu desejo. Assim, a condensação e o deslocamento realizam um papel privilegiado, que confirma que, assim como no sonho, esses mecanismos exercem uma “função homóloga no discurso” (Lacan, 1957/1998, p.515). A condição imposta ao material significante, de se valer do “papel da figurabilidade” (p.515), revela que a incidência do significante se constitui como uma questão de linguagem. Desse modo, na medida em que o sonho esbarra “na falta de material taxêmico para representar as articulações lógicas da causalidade, da contradição, da hipótese etc.,” (p.515), ele dá provas de ser “uma questão de escrita, e não de pantomima” (p.515).

Assim, que o sonho seja como um rébus não indica que o inconsciente se demonstra como em um jogo de adivinhação, mas sim o que Freud pretendeu mostrar com a sua significação, “que o trabalho do sonho segue as leis do significante” (Lacan, 1957/1998, p.515). Além disto, Lacan recuperou da *Traumdeutung* de Freud a realização do desejo, *Wunscherfüllung*, para dizer que as fantasias ou sonhos diurnos se valem também dessa função. A significação, dessa maneira, é atribuída como um efeito do significante, visto que a letra recupera a relação de objeto a que o sujeito se prende pela angústia.

A elaboração de Safouan (1986) sobre o *Wunschvorstellung*, a constituição do desejo, concorda com a noção de significação que Lacan destaca da *Traumdeutung* de Freud. Insistindo sobre a noção de que *Deutung* “traduz-se também por significância” (p.83), Safouan quis frisar que “A Significância dos Sonhos” (p.83), na medida em que é contrária à noção de interpretação que se popularizou entre uma parte dos analistas, dá consequências à afirmação de “que assim como não se interpreta o sonho, não se interpreta o chiste” (p.83). Para Safouan, essa concepção também se tornou visível na obra freudiana precisamente no ponto em que Freud tomou o sintoma histérico em comparação a uma escrita hieroglífica. Assim, na medida em que se deparou com “representações que não dizem o que figuram, mas o que a oposição delas entre si pode revelar” (1986, p.82), Freud pôde destacar que o sentido, em análise, se constrói a partir das relações entre as representações do discurso do paciente. E Lacan pôde ler isso, segundo Safouan, depois da linguística, como sendo “uma conversação mediante a língua” (1986, p.82), ou, uma *linguisteria*.

Nessa direção, Safouan (1986) serviu-se da aproximação entre o sonho e o chiste para assegurar que a psicanálise se contrapõe à interpretação como fato encerrado em si mesmo. Sua retomada da *Traumdeutung*, portanto, alude ao fato de que tanto no sonho como no chiste a significação pode surpreender o sujeito, mas isso só será possível na medida em que esse sentido que o sujeito não sabia que estava lá se aproxima da verdade do inconsciente. Assim, “que as diferentes formações do inconsciente não representam outra coisa que diferentes incidências do significante sobre o sujeito” (1986, p.84) indica, tal como Safouan nos apresenta, que o sentido do sonho ou do sintoma não pode ser buscado fora deles.

Mais à frente retornaremos à realização de *Wunsch*. Por enquanto essa noção de Safouan a respeito da *significância* como o que implica a realização do desejo nos parece suficiente para acompanhar o que Lacan pretendeu nesse ponto com o retorno ao texto de Freud. Para Lacan, o traço distintivo entre as fantasias ou sonhos diurnos, “dado que essas fantasias podem permanecer inconscientes, é de fato sua significação” (Lacan, 1957/1998, p.516). O principal é percebermos que essa insistência de Lacan, sobre a *decifração* da formação do inconsciente, e a de Safouan, sobre a *significância* do sonho ou do sintoma, concordam com a noção de que Freud enfaticamente recusou que sua ciência se tratasse de ser um estudo das propriedades psicológicas do sujeito.

Temos visto com Lacan que as leis do inconsciente, que a análise dos sonhos constata, mostram que os procedimentos que advêm dessa operação linguística estão alinhados com a realização do desejo. Desse modo, *o trabalho do sonho* de Freud foi exemplar do fato de que o significante encadeado no discurso tem efeitos conformes ao voto de *Wunsch*. E isso,

para Lacan, evidencia em Freud a “coerência absoluta de sua técnica com sua descoberta” (1957/1998, p.518), visto que seu inconsciente está alinhado a um modo de condução da psicanálise como campo conceitual em que a própria construção de um saber se dá de acordo com uma ética do desejo.

A *Traumdeutung* de Freud foi fundamental para definir que “a experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações” (Lacan, 1957/1998, p.518). Mas, como nos aponta a experiência psicanalítica, a presença do inconsciente na ordem psicológica não é coextensiva a essa função, no sentido de que tanto os efeitos psíquicos conscientes quanto os efeitos psíquicos inconscientes guardam relação “com o inconsciente no sentido freudiano” (1957/1998, p.518). Assim, com a retomada do psíquico em Freud, Lacan pretendeu relevar que não se o tenha na conta como um efeito do inconsciente, mas, que, por psíquico, fica delimitado o espaço desse inconsciente, ou melhor, que por essa via Freud estabeleceu o *topos* desse inconsciente. Por isso é que, para definir “a tópica” da descoberta freudiana, Lacan retornou ao algoritmo saussureano $\frac{S}{s}$.

Desenvolvendo essa noção a partir daí, Lacan define que a *incidência do significante no significado* demonstra que existe nesse arranjo do inconsciente uma relação de conjunto, na medida em que o significado é efeito da função do significante. Então, como uma transformação do primeiro algoritmo, Lacan apresenta o que se segue:

$$f(S) \frac{I}{s}$$

Figura 4: Incidência do significante no significado. (Lacan, 1957/1998, p.518)

Dessa co-presença, no significado, depreendemos que os efeitos de significante se distribuirão “de acordo com duas estruturas fundamentais, na metonímia e na metáfora” (Lacan, 1957/1998, p.519). A estrutura metonímica, Lacan a simbolizou como se segue:

$$f(S...S') S \cong S (-) s$$

Figura 5: Estrutura metonímica. (Lacan, 1957/1998, p.519)

Esse conjunto indica o de *palavra em palavra* que conecta um significante a outro significante e “que permite a elisão mediante a qual o significante instala a *falta do ser na relação de objeto*, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o *desejo visando essa falta que ele sustenta*” (Lacan, 1957/1998, p.519). De sua afirmação depreendemos que uma das vertentes do significante, fazendo prevalecer a resistência da significação nesse funcionamento metonímico, visa que a *falta do ser* não realize o desejo.

Antes de prosseguirmos com a metonímia em Lacan, precisamos retornar a Safouan (1986) para alcançarmos algumas noções que nos introduzam ao que seria a *falta de ser* na relação de objeto. Retornaremos a ele, portanto, do ponto em que paramos no momento em que, considerando as elaborações de Freud (1926/2014) a respeito da angústia e sua implicação na formação de sintomas, Safouan nos fez ver o vazio de *Wunsch* votado à distância com relação à sua realização.

A partir disso, se podemos dizer que a tópica do inconsciente freudiano, $\frac{S}{s}$, apresenta o lugar do significado como aquele mesmo do sujeito, então o que Safouan nos apresenta com relação à *paixão do significante* toca justamente na questão da *falta* levantada por Lacan. Com Lacan temos visto que por meio da metonímia é possível demonstrar que a partir das relações do sujeito com o Outro essa falta do ser se sustenta. Então, com Safouan, partindo da compreensão de que “a função do significante em sua autonomia é a de indicar a posição do sujeito em relação à verdade” (1986, p.68), tomaremos por *paixão*, a insistência do desejo em contemplar tanto a *falta de ter* como a *falta de ser*.

À vista disso, a distinção entre “as duas espécies de falta” (Safouan, 1986, p.72) marca um ponto importante de *Inibição, sintoma e angústia*. Essas faltas seriam “a falta de *ter*, que caracteriza a necessidade” (p.72), e que direciona à busca por satisfação uma parte dessa pulsão, e “a falta de *ser*, que é especificada pelo *Wunsch*” (p.72). Essa falta de ser, Safouan nos assinala que ela se refere ao “voto que circunda o ser” (ibid.) e com isso ele aponta para que essa falta esteja remetida “à falta de ser alguém que agrada ao olhar do outro” (1986, p.72). Segundo ele, dessas duas espécies de falta resulta uma ambiguidade que provém do fato “de que se trata de um voto e o voto, ao mesmo tempo em que se baseia numa falta, já é satisfeito na representação” (p.73).

Dessas faltas, então, surge a necessidade de recuperar a distinção entre o *eu* e o *isso*, no sentido de que existe uma relação contraditória entre eles, como Safouan mostrou ao citar a “*Ego psychology*” de Freud, em que, por ser distinto do *isso*, “o ego é dependente, fraco” (Safouan, 1986, p.74). Mas surge, também, uma relação de identidade, em que, por constituir-se como parte do *isso*, o *eu* “é tão forte quanto o id” (ibid.). Desse modo, aproximamos a falta

de *ser* na relação de objeto à noção que Safouan, em decorrência dessa distinção entre os dois tipos de falta, desenvolve sobre a dependência do *eu* à imagem especular de uma ausência. Para ele, a paixão do significante é feita da fixação nessa ausência, pois o sujeito formula suas questões remetido a um Outro lugar, de “onde explode a significação” (Safouan, 1986, p.76).

[...] quê sou eu? Quê sou eu para outrem? Aquilo que sou além dessa imagem e que de alguma forma constitui a resposta do meu inconsciente a esta questão, faz então com que, no fundo, a falta não seja nada mais que a imagem que habita este objeto desconhecido que eu sou para o outro. (Safouan, 1986, p.74)

Desse modo, a dependência do *eu* a essa falta se constitui para o sujeito como “sua verdade primeira” (Safouan, 1986, p.74), fazendo vir à tona a paixão do significante como a questão que assinala a “representação de si mesmo como um objeto que agrada ao olhar” (1986, p.73). Assim, através de um esquema que remete ao “esquema do vaso invertido de Lacan” (1986, p.77), Safouan resgata da paixão do significante uma representação do sujeito remetido a essa imagem especular ausente, tal como se segue:

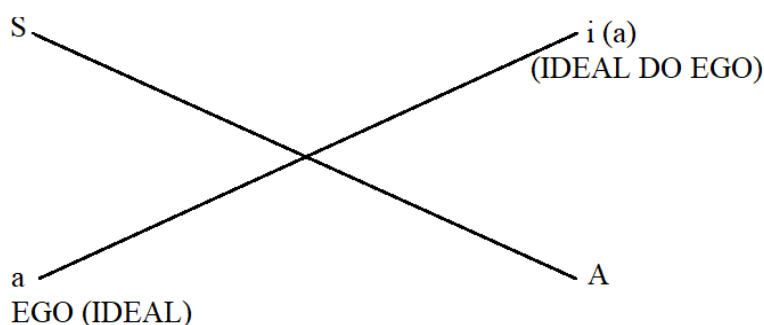


Figura 6: *i (a)* no gráfico do desejo. (Safouan, 1986, p.77)

Para Safouan, o sujeito, o *S* no esquema, é aquele remetido ao desejo do Outro. Ele “se dá conta de si a partir do momento em que é aprisionado na cadeia de significantes” (Safouan, 1986, p.76) e, desde então, instaura no *A*, uma “relação completamente angustiada” (p.76). O *A*, como lugar do Outro, é o lugar mesmo onde o sujeito constitui seu desejo “em função de respostas concernentes ao desejo do Outro” (ibid.). Assim, a questão sobre como essa paixão do significante se consolida deve ser respondida através da representação *i (a)*, que indica “o ponto de onde o sujeito se olha” (p.77). O sujeito, aprisionado à cadeia de significantes, por conseguinte, se vê de onde não há como separar o *eu ideal* do *ideal de eu*.

Desse modo, voltando à estrutura metonímica de Lacan, podemos ver, relacionando-a com a falta de *ser* que vimos com Safouan (1986), que essa falta, porque é votada ao vazio de *Wunsch*, também se satisfaz não se realizando. A partir disso, poderíamos dizer que a paixão do significante se origina da conexão com outro significante sempre remetido a um traço apagado, pois a realização do *Wunsch* orienta o desejo. E, também, que esse significante se consolida levando em conta o lugar de onde o sujeito se olha em sua referência ao Outro. Desse modo, o sinal colocado entre parênteses na estrutura metonímica articulada por Lacan, (-), refere-se à barra do algoritmo e exprime “nas relações do significante com o significado, a resistência da significação” (Lacan, 1957/1998, p.519).

Em oposição a essa falta de ser na relação de objeto que sustenta a metonímia, a estrutura metafórica seria aquela “que indica que é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação” (Lacan, 1957/1998, p.519). É representada pela fórmula que se segue:

$$f\left(\frac{S'}{S}\right) S \cong S (+) s$$

Figura 7: Estrutura metafórica. (Lacan, 1957/1998, p.519)

O “S” designa no contexto o termo produtor do efeito significante (ou significância)” (1957/1998, p.519, nota de rodapé), termo que é elidido na metonímia e “patente na metáfora” (1957/1998, p.519), uma vez que aqui, o sinal colocado entre parênteses, (+), marca a transposição da barra que separa o significante do significado. Essa transposição, por sua vez, Lacan a atribuiu ao “ponto crucial de nosso problema” (p.519), a função do sujeito. Nesse sentido, Lacan destaca da metáfora e da metonímia aquilo que concorre para manifestar a função desse sujeito que o inconsciente descobriu, pois esse sujeito falante está articulado a cada elemento da cadeia significante, tanto em um caso como em outro.

Assim, as leis da linguagem nos permitem deduzir, por artifício da linguística, o mesmo que Freud alcançou com o deslocamento e a condensação notados no funcionamento do sonho. A representação algorítmica de Lacan dessas estruturas é, portanto, o resgate do método psicanalítico, dado que marca as condições desse inconsciente como linguagem enquanto remete ao sujeito em meio aos efeitos significantes da letra. A partir desse momento Lacan pretende examinar a questão do sujeito psicanalítico, e o fará começando por sua distinção do sujeito pensante do *cogito* cartesiano.

O *cogito ergo sum* (*penso, logo existo*) de Descartes, dessa maneira, afirma o *ser* através do exercício de seu pensamento, de modo que sua existência esteja ligada à função que o sujeito desempenha enquanto *joguete de seu pensamento*. Ao passo que “penso que sou (estou) em meu pensamento” (Lacan, 1957/1998, p.520), também demonstro, segundo Lacan, ser apenas “objeto e mecanismo (e portanto, nada além de fenômeno)” (p.520) nessa formulação. Comparece, desse modo, um sujeito que é o resultado de seu pensamento. Assim, justapondo esse sujeito do *cogito* ao sujeito do inconsciente, veríamos que entre eles a primeira diferença está precisamente nesse ponto, pois *ser* e *pensar* não coincidem na psicanálise.

Por esse motivo o “‘*cogito ergo sum*’ *ubi cogito, ibi sum*” (1957/1998, p.520), formulado por Lacan, superaria o postulado cartesiano, pois admite que eu pense “naquilo que sou lá onde não penso pensar” (1957/1998, p.521). Assim, o “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (p.521), como seguimento da superação da objeção de Descartes por Lacan, na medida em que não exclui aquilo que sou e não sei, admite “os elementos que estão em jogo no inconsciente” (p.521). Em outras palavras, a função do sujeito na psicanálise fica demonstrada antes de tudo nesse remanejamento do *cogito*, expressão do inconsciente freudiano.

Como efeito da desordem provocada pela *razão desde Freud* foi que Lacan localizou esse sujeito da psicanálise. Essas leis do funcionamento da linguagem, a metonímia e a metáfora, portanto, garantem que não haja meios de o sujeito se desvincular de *ser* tão somente aquilo que é, no momento em que profere o discurso. Desse modo, em razão daquilo que se repete na cadeia de significantes, fica ilustrado que *eu* digo aquilo que sou, o mais próximo de minha verdade. Outro argumento seria o de que, por meio da devoção por “vir a sê-lo, não posso duvidar de que, mesmo ao me perder nisso, é aí que estou” (1957/1998, p.521). Nesse sentido, podemos dizer que as duas propriedades do efeito significante da letra dão a conhecer que o desejo fixado a uma *falta do ser*, assim como a referência à questão que o Outro me provoca, demonstra a função do sujeito a que a psicanálise se refere. Pois como disse Lacan:

esse jogo significante da metonímia e da metáfora, incluindo sua ponta ativa que fixa meu desejo numa recusa do significante ou numa falta do ser e ata minha sorte à questão de meu destino, esse jogo é jogado, até que a partida seja suspensa, em seu inexorável requinte, ali onde não estou, porque ali não me posso situar (Lacan, 1957/1998, p.521).

Alçar a descoberta freudiana à letra constituiu um modo eficaz de afirmar a concretude discursiva das formações do inconsciente. Desse percurso com o jogo significante

da metáfora e da metonímia, Lacan depurou o essencial para apontar que os conteúdos do inconsciente acusam que “é da verdade que eles extraem sua virtude” (p.522). Vimos, desta forma, que Lacan apresentou o inconsciente de Freud por dois vieses importantes. O primeiro é o que liga a verdade do sujeito, ou aquilo que se realiza no campo do desejo, ao fato de que essa verdade somente seja evocada na condição de pertencer à dimensão metonímica, ou seja, mantendo-se resistente à significação. No segundo viés do efeito significante da letra, Lacan estabelece que o sentido, na metáfora, só se acessa por dois mecanismos: o *S* e o *s* do algoritmo saussureano.

Desse segundo viés do efeito significante, Lacan diz que o arranjo metafórico fica melhor apresentado quando colocamos a formação do sintoma em paralelo a esse “mecanismo de duplo gatilho da metáfora” (1957/1998, p.522). No mecanismo do significante, no *S*, ocorre o que, em um primeiro momento, contempla a substituição do “significante enigmático do trauma sexual” (p.522) na cadeia significante atual. Já no mecanismo da metáfora, que ocorre em um segundo momento, a dimensão do significado (o *s* do algoritmo), envolve o momento em que se fixa num sintoma “a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver” (p.522). Assim, usando desse mecanismo duplo da estrutura metafórica, Lacan definiu que a fixação a um significante garante o sintoma no sentido psicanalítico.

Do desejo, naquilo que ele está implicado com o sintoma, Lacan providenciou que fosse tomado em relação ao encadeamento de significantes que imita o *frenesi infinito* da dimensão metonímica, “eternamente estendidos para o *desejo de outra coisa*” (1957/1998, p.522). Ele está falando de um desejo inconsciente, do qual, a julgar por sua capacidade em insistir na cadeia significante, cumpre dizer que seja como uma *memória*.

Nessa direção, se a diferenciação entre a metonímia e a metáfora foi necessária de antemão, visto que essas duas vertentes cumprem, de fato, funções distintas, em um segundo momento Lacan tratou de as embarçar. Desse modo, o sintoma na psicanálise não pode mesmo ser contemplado como formação apartada do desejo, uma vez que “é a verdade do que esse desejo foi em sua história que o sujeito grita através de seu sintoma” (p.522), então, reuni-las novamente consiste em dizer que o inconsciente funcionaria numa operação conjunta dessas perspectivas.

Com a aproximação entre o inconsciente freudiano de “dentro da dimensão do ser” (1957/1998, p.522) e os mecanismos significantes dele, Lacan reassegura que o retorno a Freud confirma o sintoma como a verdade desse desejo, ou aquilo que não deixa de cumprir sua realização, ainda que votado à falta. Diante disso, cabe dizer que o sintoma cumpre, diferente de uma memória, “a função de rememoração” (1957/1998, p.523) do significante

enraizado. Para Freud, esse sintoma estaria relacionado com o desfecho dessa *outra cena* e sobre isso Lacan destacou que o método de que se dispõe a psicanálise é aquele em que o próprio sujeito, “pelo esgotamento de todas as formas possíveis de impossibilidades encontradas no equacionamento significante da solução” (1957/1998, p.524), teria de encadear um novo significante. Ou seja, que através da regra fundamental da psicanálise, os encadeamentos dos significantes, tanto na estrutura da metáfora como na da metonímia, abrem margem para o movimento de transposição do sentido.

Dessa maneira, a letra no inconsciente revela exatamente essa articulação que Lacan nos propôs quando disse que o sintoma abre uma interrogação entre esse sujeito e seu desejo. Diante do fato de que esse sintoma se revela na natureza das neuroses (obsessiva, histérica ou fóbica) como uma questão do *ser* diante do mundo, resta dizer que ele revela, também, a articulação da verdade desse sujeito ao que lhe é imprescindível (1957/1998). Da psicanálise como método, portanto, se depreende que o sintoma é como uma escrita desse sujeito, visto que essa formação traria à luz o conteúdo do inconsciente como uma retomada do *ser*, *do ponto de onde ele se olha*, para seu *lugar ideal* (1986).

A discussão levantada por Lacan, desde o momento em que retomou a subversão do *cogito* cartesiano até aqui, onde demonstrou a letra no inconsciente, foi que o *eu* nunca está desacompanhado, ao menos imaginariamente. Assim, no próximo subitem prosseguiremos desse ponto para notar como a invenção freudiana remonta à existência desse sujeito pela via de que os limites entre exterior e interior não são, de fato, muito bem estabelecidos nas formações do inconsciente.

2.3. A letra, o ser e o outro

Nesse terceiro e último subtítulo da *instância da letra*, Lacan pretende estender mais algumas consequências a respeito do inconsciente freudiano. A começar pelo título, traduzido para o português como *A letra, o ser e o outro*, Lacan nos sugere, por uma homofonia que aproxima esses três domínios – como aponta uma nota do editor, por uma “peculiaridade das sonoridades francesas de *la lettre, l'être et l'autre*” (1957/1998, p.527) –, que existe uma via que os conecta. Neste nosso subitem, desse modo, acompanharemos os questionamentos de Lacan sobre a letra freudiana, num percurso em que ele pretende mostrar como a descoberta da psicanálise, embora isso tenha gerado confusão, trata de ser uma questão dos caminhos que conduzem ao “*Kern unseres Wesen*, o âmago de nosso ser” (p.530).

Se o que “pensa em meu lugar” (p.527) não é um outro *eu*, será ele um outro semelhante? Lacan partirá, para responder a essa pergunta, da distinção necessária entre o *eu* e o *isso*. Tomando como exemplo “*O acaso e as diabruras do inconsciente*” (Lacan, 1957/1998, p.528), de Silberer, que apresentou o inconsciente como o refúgio do diabo confirmando uma lógica maniqueísta, Lacan deixa destacada a posição contrária da psicanálise, pois a dubiedade dessa relação foi uma das coisas que Freud se encarregou de mostrar com sua invenção.

A finalidade proposta ao homem pela descoberta de Freud foi definida por ele, no apogeu de seu pensamento, em termos comoventes: *Wo Es war, soll Ich werden. Là où fut ça, il me faut advenir*. Lá onde isso foi, ali devo advir. (Lacan, 1957/1998, p.528)

Essa finalidade é aquela mesma que Freud apontou referente ao “acordo” entre o *eu* e o *isso*, o qual aqui Lacan nos anuncia por meio da retomada do termo freudiano *Versöhnung* (reconciliação). No entanto, com esse primeiro apontamento, Lacan não quer dizer que se trata de fazer coincidir o *eu* e o *isso*, e tampouco tomar o inconsciente como o depósito dos mistérios irrevelados do homem. A finalidade da reconciliação não deve ser tomada equivocadamente, como “quando se desconhece a excentricidade radical de si em si mesmo com que o homem é confrontado” (p.528), pois assim corre-se o risco de tornar a experiência psicanalítica uma “operação de compromisso” (ibid.).

O sujeito, como algo que advém no lugar em que *isso foi*, é aquele que demonstra os efeitos desse jogo do significante. Assim, em virtude do traço apagado do significante, sempre remetido a *outra coisa*, a letra freudiana – é o que Lacan nos mostra – confirma o desejo em sua relação com a formação do sintoma. A metonímia e a metáfora como leis da linguagem cumprem um papel importante ao expressar que a experiência analítica não pode ser operação de compromisso. E isso aconteceria à medida que as formações do inconsciente, com o desejo e o sintoma respectivamente, deixam à mostra que sua estrutura, por natureza, não se obriga a essa função.

Decorre da invenção freudiana, então, que “a heteronomia radical” que funda a existência do sujeito no mundo não pode mais ser disfarçada “naquilo que pensa (*cogitans*)” (Lacan, 1957/1998, p.520), pois assim “nunca faço senão constituir-me como objeto (*cogitatum*)” (ibid.). Lacan nos mostra que, situando-se somente a propósito de seu pensamento, esse sujeito apega-se a uma parte do que o constitui, mas abre mão daquilo que é a questão de seu *ser*. Posto isso, a experiência psicanalítica aponta para um limite pouco

estabelecido entre interioridade e exterioridade, porque esse *outro* a que Lacan se refere se encontra cindido ao sujeito, *fora dele*, mas ao mesmo tempo, *em seu âmbito*.

Nesse sentido, tendo já estabelecido que não se trata de um outro *eu*, mas de retomar a descoberta freudiana no ponto em que o *eu* e o *isso* se distinguem, Lacan continua pensando sobre o inconsciente. Apontando para o fato de que há um outro a que “sou mais apegado do que a mim” (Lacan, 1957/1998, p.528), avançamos mais um pouco nessa direção, pois na *excentricidade radical* de minha identidade comigo mesmo, sou levado a considerar um outro a que estou remetido. Desse modo, a presença desse outro “só pode ser compreendida num grau secundário da alteridade” (p.529), e isso se dá em razão de que esse outro intermedeia a relação entre o sujeito consigo mesmo e seu semelhante.

Vimos como, situando o outro que agita o sujeito no mais íntimo de seu *ser*, Lacan introduziu o inconsciente freudiano como discurso do outro, ou melhor, do Outro, com maiúscula. À proporção que esse Outro indica sua localização nesse “para-além em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento” (Lacan, 1957/1998, p.529), Lacan pôde remetê-lo a essa porção do sujeito votada à realização de *Wunsch*. Isso implica que, mesmo inconsciente, esse desejo, em sua verdade primeira, permanecerá situado no *lugar do Outro*. Portanto, sua condição será a de ser o Outro da linguagem; “em outras palavras, esse outro é o Outro invocado até mesmo por minha mentira como garante da verdade em que ela subsiste” (p.529).

Para reforçar a noção de que “é com o aparecimento da linguagem que emerge a dimensão da verdade” (Lacan, 1957/1998, p.529), Lacan recorrerá às manifestações somáticas que exercem a “função do engodo a serviço de uma necessidade” (p.529). Contudo, não quer que sejam consideradas sob um ponto de vista psicológico, o que significaria tomá-las como algo à parte das próprias formações do inconsciente. Fundamentalmente, o que o inconsciente como discurso do Outro ressalta é que a dimensão do gozo subsiste na linguagem, questão a que Freud chegou, de acordo com Lacan, no seu “*Para-além do princípio do prazer*” (ibid.).

A questão levantada sobre o inconsciente como discurso do Outro, portanto, deve ser respondida sob o ponto de vista das pulsões, em virtude de que as manifestações sintomáticas do sujeito, como percebemos, carregam as mesmas condições de subsistência que o desejo. Assim, para confirmar a noção de que o inconsciente não é a sede das pulsões, porque o que está em jogo é a linguagem, Lacan definirá o inconsciente como discurso do Outro para que a relação entre o *ser* e o *outro* fique apontada. A fim de que essa noção fique mais nítida, usará a representação de um jogo de estratégia de movimentação de tropas com a qual pretende

sintetizar o que tentou apontar a respeito do sujeito convocado nas duas estruturas do efeito significante da letra.

Nesse exemplo, Lacan imagina uma jogada estratégica que pode fazer o adversário “cair no engodo com um movimento contrário” (p.529) a seu plano de batalha. Esse efeito enganador como estratégia de jogo ilustra para nós o que Lacan apontou com o efeito metonímico do significante, pois o desejo do jogador se realiza precisamente num movimento contrário ao que ele anuncia. Nessa representação, “é em função de uma regra que engano meu adversário” (p.530), já que o sucesso dessa ação consiste em produzir efeitos na realidade distintos daqueles que eram esperados pelo interlocutor. Assim, o sucesso nesse caso é provocado pela conexão de um sentido que não está contido na jogada anunciada, pois o fato de que o adversário desconheça o intuito da estratégia o garante.

Seguindo com essa ilustração do jogo de estratégia, Lacan imagina a situação contrária, em que o jogador inicia com seu adversário uma negociação de paz. Em oposição à jogada estratégica descrita acima, aqui o sucesso da ação consistiria em que entre jogador e adversário houvesse um acordo entre a jogada estratégica anunciada e seu intuito. Um paralelo, nesse sentido, seria possível com a propriedade metafórica do efeito significante, pois aqui o “sucesso é avaliado na conotação da traição, isto é, na relação com o Outro garante da Boa Fé” (Lacan, 1957/1998, p.530). Disso depreendemos que o sentido que sela uma negociação entre o jogador e seu adversário foi garantido por esse Outro que se situa “num lugar terceiro, que não é nem minha fala nem meu interlocutor” (ibid.), lugar que se revela ser “o da convenção significante” (ibid.).

No exemplo dado pela primeira jogada de Lacan, o sucesso só foi possível graças ao fato de o efeito enganador ter sido produzido pelo jogador *na realidade*, e *para seu* adversário. No lugar da convenção significante, no exemplo da jogada da negociação de paz, o sucesso foi garantido num lugar terceiro que não é nem no jogador, nem no adversário. Com a representação do jogo de estratégia, Lacan está retomando o que apresentou sobre a estrutura metafórica e a metonímica, ao mesmo tempo em que nos indica que o funcionamento dessas leis da linguagem requer a presença do *ser*, do *outro* e de um Outro terceiro, lugar do inconsciente (1957/1998).

Outra elaboração possível, a partir dessa representação do jogo de estratégia, é a de que o inconsciente como o discurso do Outro assegura que, embora eu tente me adiantar estrategicamente com relação ao meu interlocutor, nem *eu* e nem o outro semelhante podemos escapar de que, não subordinado ao saber, o gozo opere. A conotação da traição se dá porque meu adversário, mesmo sem saber a verdade da minha jogada, depreende um sentido contido

na relação com o Outro. Sobre a convenção significante, lugar do Outro, Lacan insiste que a heteronomia que caracteriza esse funcionamento não se encontra “reduzida a qualquer ‘sentimento do outro’” (p.530), confirmando seu lugar à parte do sujeito e do interlocutor.

O Outro, como Lacan vem tentando nos mostrar, é aquele que tem absoluta convergência com o *âmago do ser* e que tem, por consequência, relação de proximidade com a verdade individual. É um outro que não o semelhante e ao qual parece estar remetido mais do que a mim mesmo. Dessa maneira, Lacan pretende demonstrar que a experiência do inconsciente está profundamente ligada às noções da letra, do ser e do Outro.

Assim, Lacan se preocupa com que a psicanálise não seja tomada como uma experiência que, se conduzida de determinada maneira, levaria a uma decodificação dos enigmas do inconsciente. Com efeito, ele ressalta que, revisando as vias que conduzem à letra freudiana, conduzimos sua psicanálise tal como ele o fez, contando com o fato de que o saber seja mesmo fragmentado. Isso implica que se recuse a psicanálise como uma teoria do conhecimento porque seus efeitos não são dessa ordem. O que Freud nos propõe atingir com seu inconsciente é isto “que constitui meu ser, e sobre o qual ele nos ensina que eu testemunho tanto ou mais em meus caprichos, minhas aberrações, minhas fobias e meus fetiches quanto em meu personagem vagamente policiado” (Lacan, 1957/1998, p.531).

A letra freudiana, assim, ao “tocar, por pouco que seja, na relação do homem com o significante” (p.531), dado que não se trata de uma questão de tentar representar o objeto, torna concreto esse movimento do jogo significante que situa o *eu* ora em sua posição de sujeito, ora em sua posição de objeto. De toda forma, importa que na relação do ser com o Outro, o efeito significante da letra altere “o curso de sua história, modificando as amarras de seu ser” (ibid.).

É por isso que o freudismo, por mais incompreendido que tenha sido e por mais confusas que sejam suas consequências, afigura-se, ante qualquer olhar capaz de entrever as mudanças que vivemos em nossa própria vida, como constituindo uma revolução inapreensível, mas radical. Acumular depoimentos é desnecessário: tudo o que interessa não apenas às ciências humanas, mas ao destino do homem, à política, à metafísica, à literatura, às artes, à publicidade, à propaganda e, através delas, à economia, foi afetado por ela. (Lacan, 1957-1958, p.531)

Embora fosse desnecessário, Lacan fez questão de destacar o que disse François Mauriac a respeito da psicanálise de Freud, que “a confissão mais profunda da alma de todos os que nos são íntimos é o que nosso discurso divulgaria, ao querer se rematar” (ibid., nota de rodapé). Com isso Lacan buscava dizer que a experiência da psicanálise confirma que, falando de mim, eu acabo confessando os outros que me são íntimos, pois que o inconsciente é o que é convergente na letra, no *ser* e no outro. A metáfora e a metonímia, assim, designam

as leis de funcionamento desse inconsciente que, de fato, por se estruturar na linguagem, existe na relação entre o ser e o outro semelhante.

Se o psicanalista não pratica “um retorno à descoberta freudiana”, promove uma “categorização psicológica de seu objeto” (p.532). A coerência da descoberta de Freud fica expressa, portanto, no fato de ele ter feito “penetrar no interior do círculo da ciência a fronteira entre o *objeto* e o *ser* que parecia marcar seu limite” (ibid.). Isso foi possível na medida em que o inconsciente como discurso do Outro, localizado em um lugar terceiro, deixa de estar remetido a um sujeito substancializado. Pois como Lacan têm demonstrado, Freud se ocupou de situar sua descoberta além desse limite entre o *objeto* e o *ser*.

Para ele, se existe a necessidade de falar da letra e do ser, de distinguir o outro semelhante e o grande Outro, “é porque Freud os indica [...] como os termos em que se referenciam os efeitos de *resistência* e *transferência* [...] da psicanálise” (Lacan, 1957/1998, p.532). Ou seja, Lacan está noticiando que a metáfora e a metonímia, em razão de que denotam a estrutura da língua com que o inconsciente se apresenta, remetem a esses dois conceitos fundamentais da clínica freudiana, a resistência e a transferência. Dessa maneira ele insiste sobre o que significa tomar o inconsciente de Freud ao modo como ele próprio definiu, já que as estruturas da língua com que esse significante lacaniano se apresenta denotam propriamente a experiência psicanalítica.

Se o sintoma é uma metáfora, dizê-lo não é uma metáfora, nem tampouco dizer que o desejo do homem é uma metonímia. Porque o sintoma *é* uma metáfora, quer se queira ou não dizê-lo a si mesmo, e o desejo *é* uma metonímia, mesmo que o homem zombe disso. (Lacan, 1957-1958, p.532)

A partir dessa afirmação de Lacan, podemos dizer que uma das propriedades do efeito significante da letra que vimos nesse capítulo seria a de que o significante se encadeia resistindo à significação, enquanto a outra propriedade abriria a possibilidade para uma conexão entre os significantes que transpusesse a barra do algoritmo. Justificando seu percurso, Lacan finaliza seu texto definindo que as leis da linguagem de que se utilizou, correlacionando o sintoma à metáfora e o desejo à metonímia, prestam-se à noção de que a metáfora está ligada “à questão do ser” enquanto que a metonímia, à sua falta (p.533). Nesse sentido, desse sintoma articulado à linguagem, Lacan nos mostrou ser importante, na psicanálise, tomá-lo como uma metáfora dessa questão que o desejo do âmago do *ser* busca responder estando remetido a uma falta.

3- Sobre o que se escreve entre a linguagem e o corpo

Foi esse abismo aberto ao pensamento de que um pensamento se fizesse ouvir no abismo que provocou, desde o início, resistência à análise. E não, como se costuma dizer, a promoção da sexualidade no homem. Esta é o objeto que mais predomina na literatura através dos séculos. E a evolução da psicanálise conseguiu, por um cômico passe de mágica, fazer dela uma instância moral, berço e lugar de expectativa da oblatividade e da amância. A montaria platônica da alma, agora bendita e iluminada, vai direto para o paraíso. (Lacan, 1957/1998, p.527)

No primeiro capítulo, passamos brevemente da questão da representação, que na psicanálise está em oposição à filosofia, para os caminhos da formação do sintoma, que Freud nos mostrou ser um substituto da pulsão procedente do afeto da angústia. Vimos que o objetivo a que se presta a formação de sintomas é o de retornar à satisfação perdida dessa *outra cena* e que a angústia da destruição do Complexo de Édipo, a angústia de castração, sendo motor de toda oposição do *eu* ao *isso*, é, também, angústia de uma ausência, de uma falta.

No segundo capítulo acompanhamos o retorno de Lacan a Freud na *instância da letra*, onde, tirando consequências do deslocamento e da condensação da *Traumdeutung* freudiana, Lacan retorna à linguística de Saussure e Jakobson para desenvolver sua elaboração sobre a metáfora e a metonímia, entendidas como as duas leis da linguagem. Por essa via, ele reafirmou a descoberta freudiana do sintoma metafórico e do desejo metonímico ao recuperar das duas propriedades do efeito significante o que era central para dizer que a estrutura do inconsciente requer o ser e o Outro a que o sujeito falante está remetido.

Neste terceiro capítulo, portanto, queremos articular algumas implicações que depreendemos desse percurso quanto ao sintoma como uma formação a que se liga o desejo metonímico do sujeito. Contando com a noção de que a psicanálise também se vale de uma análise do discurso, embora não nos mesmos termos com que a linguística o faz, tomaremos de uma *linguisteria* – como marca de uma psicanálise – o essencial para apontar que o inconsciente, para além da linguagem, inscreve o gozo em sua relação com o corpo. Assim, a partir do sintoma como metáfora da questão do ser, buscaremos designar consequências da função desse significante lacaniano que adquire valor numa dimensão *alheia*, a do Outro.

O termo lacaniano *linguisteria*, criado para se referir ao discurso produzido em análise, e concebido a partir do que se depurou do discurso histórico, remete-nos aos efeitos produzidos no manejo da resistência e da transferência, que Lacan nos fez notar no capítulo anterior. Seu uso resgata de Freud a condição primordial da experiência psicanalítica estabelecida pela regra da livre associação: que o sujeito fale livremente daquilo que não sabe,

ainda que suponha que o analista o saiba. Também por isso a *linguisteria* nos remete à noção de que é de seu sintoma que o sujeito fala e de que não o saber não o impede de gozar.

Veremos, então, como o caráter diferencial *transcrito* pelo significante não se separa da repetição sintomática do sujeito. Para Lacan, dessa relação é que surge a necessidade de falar da função do significante na experiência da *identificação*, já que o fundamental dela para a psicanálise é que o sujeito esteja contemplado nessa operação que incide no *real*. Buscaremos mostrar que essa função do significante inscreveu na dimensão simbólica da *língua* do falante a fundação desse sujeito, pois o traço escrito decorre de um apagamento remetido a um impasse real. Além disso, essa língua marca o momento *premature* em que o gozo do sujeito é identificado a um significante dotado de valor, e a isso o sujeito responde com as formações do inconsciente.

3.1. A pulsão se escreve

Vimos que o traço mnêmico de Freud é aquele que se *inscreve* como signo de memória e que também consolida por seus *trilhamentos* o traço da diferença. Se as *retranscrições* se configuram a partir da inscrição e assim estabelecem repetições, elas também, na mesma intensidade, carregam um traço diferencial. Borges (2010) discutiu que essas repetições conservam-se originais, pois são retranscritas num momento só-depois, concebidas a partir de uma noção de *temporalidade estratificada* da realidade psíquica do sujeito. Desse modo, o caráter diferencial das repetições contribui não só com a noção de memória em Freud, mas também com a questão da representação subvertida pelo inconsciente, pois, ultrapassando o princípio da identidade aristotélico, essas diferenças deixam explícito que o traço retranscrito *não é* o mesmo de antes (2010).

Doravante, constatamos com Freud que entre o sentido dos sintomas e o caminho de suas formações é possível uma correlação com o desejo inconsciente. A reconciliação entre o *eu* e o *isso* assegura a relação entre as moções pulsionais e a realidade, mas justamente porque não denota uma operação de compromisso, esse “acordo”, ao invés de tornar a psicanálise um sistema fechado, abre as vias para que o sujeito se localize em seu distanciamento de si mesmo. Assim, Freud definiu, pela análise de seus casos clínicos, que o paciente estrutura seu psiquismo a partir da *angústia do eu*. Esse afeto, por sua vez, antes situado como procedente do *eu*, em um segundo momento foi tomado como procedente da instância repressora mesma e colocada à frente da formação dos mecanismos de defesa. Como reação a um estado de

perigo, a angústia do *eu* é rememoração da angústia de castração, mas é igualmente capaz de gerar, por causa do recalque primário, novas configurações.

Sobre esse afeto da angústia, vimos como o problema econômico que a envolve foi pensado por Safouan (1986) em articulação às duas espécies de falta, a falta de ser e a falta de ter. A falta de ter é aquela que instaura a necessidade de satisfação, enquanto a falta de ser, nós a notamos em sua relação com o vazio de *Wunsch*, aquele destinado a não se realizar e que remonta, primordialmente, à conformidade desse vazio com a falta no sujeito. A partir disso, da relação do sujeito com o outro, tanto com o outro semelhante, como com o grande Outro de Lacan, adviria o que Safouan chamou de *paixão do significante*, noção que deve acompanhar a tentativa de *decifração* das formações do inconsciente na psicanálise. Sob esse ponto de vista, remetendo-nos à leitura freudiana dos aspectos envolvidos na causa das neuroses, notamos que o sentido da formação dos sintomas, que advém do relato do sujeito em análise, fornece o que parece imprescindível para tomá-lo como correlato do desejo do *cerne íntimo* do sujeito, como no caso da jovem paciente de Freud e seu marido na noite de núpcias³.

Depois, lendo na letra freudiana uma conformidade com a escrita, metáfora que segundo Borges (2010) já pode ser depreendida das obras pré-psicanalíticas de Freud, Lacan firma a partir da linguística, seu retorno ao inconsciente. Ele iniciou pelo sentido da letra para chegar à concepção que marcou esse seu retorno a Freud, a noção de que o inconsciente, porque se estrutura como uma linguagem, está submetido às condições de ora condensar seus conteúdos ora deslocá-los. Desse modo, para expressar o funcionamento dessa letra no inconsciente regido por leis da linguagem, Lacan tirou consequências da condensação e do deslocamento de Freud, definindo as duas vertentes do efeito significante da letra, por meio da metáfora e da metonímia.

Diante disso, um paralelo entre o desejo e a estrutura metonímica é possível em virtude da noção original em Freud de que o propósito da pulsão no corpo é se satisfazer, motivo que explicaria a necessidade de seu deslocamento para um substituto pulsional. Também vimos que a relação entre o sintoma e a estrutura metafórica aparece por seu mecanismo de duplo gatilho, que fica demonstrada na *substituição* do significante enigmático do trauma sexual e na *fixação* da significação em um significante da cadeia atual. Então, conservando da metáfora e da metonímia o que era necessário para afirmar o sintoma em sua relação com a questão do sujeito, e o desejo como aquilo que transporta sua falta, Lacan realçou da letra freudiana aquilo que a coloca frente ao *ser* e ao *outro*. Afirmando que as duas

3 Conferir essa discussão nas páginas 34 a 36 desta dissertação.

propriedades do efeito significante da letra conclamam o sujeito, Lacan estabeleceu a definição do inconsciente como o discurso do Outro para mostrar que o inconsciente não se centra no interior do psiquismo, uma vez que desafia a fronteira entre o *ser* e o *objeto*.

Porque é uma metáfora, o sintoma deve ser pensado em sua relação com o *significante privilegiado*. Os primeiros passos para essa articulação demos com Borges (2010) partindo da noção do traço mnêmico em sua inscrição com os trilhamentos diferenciais. Vimos como o significante retoma a questão da não-identidade do traço freudiano e também seu tempo só-depois. Agora, pensando algumas consequências do significante privilegiado em sua relação com o sintoma, veremos que a função dessa inscrição na dimensão simbólica só se sustenta em sua articulação com o gozo.

Sobre esse sintoma de que tratamos nesta pesquisa, podemos dizer, então, que na psicanálise ele não é tomado a partir de um manual de classificação de doenças psíquicas. É claro que o diagnóstico diferencial pode orientar a clínica, mas o que temos visto é que nenhuma direção (do tratamento) pode ser tomada sem que o relato do paciente se desencadeie a partir da associação livre. Desse modo, a psicanálise admite a importância do sintoma e atribui a ele um lugar de relevância na história do sujeito, primeiro porque o sintoma lhe é *caro*, haja vista o investimento pulsional que o estrutura e desloca; e, em segundo lugar, porque o sintoma tem relação com o modo como o sujeito se organiza discursivamente no mundo, a partir de onde busca responder uma questão colocada pelo Outro. Essa resposta, o sujeito falante a concebe em sua estrutura psíquica, segundo uma lógica neurótica, psicótica ou perversa.

O fato é que a psicanálise não pressupõe eliminar o sintoma, como se depois da entrada do paciente em análise ele fosse curado de suas manifestações. Pelo contrário, as manifestações sintomáticas observadas por Freud remetiam ao constante deslocamento dos substitutos da pulsão recalcada, demonstração da resistência do sintoma em extinguir-se. Com ele, vimos que a remissão de um sintoma é consequência de um acesso ao sentido⁴ *daquela cena* pelo sujeito, que por sua vez, parece ser resultado de um arranjo entre o recalcado e o que foi atado no psiquismo (Freud, 1926/2014). Depreendemos de seus relatos clínicos que o sintoma pode ser afetado, deslocado, arredado de seu lugar, mas como efeito de uma narrativa, pelo menos a priori, descompromissada com o significado.

4 Quanto à aceção desse termo *sentido*, é importante deixar claro que, para esta dissertação, como se pode perceber em todo seu percurso, ele está sendo entendido não como representação/significado, e sim como caminho/direção.

Enquanto uma narrativa articulada aos efeitos da *resistência* e *transferência*, o sintoma é regido pelas mesmas leis que estão em exercício no sonho e que demonstram a operação da língua sobre o sujeito. Foi o que Freud constatou no artigo *Fetichismo*, de 1927, que Lacan retomou na *instância da letra* para afirmar com o caso do paciente “para quem a satisfação sexual exigia um certo brilho no nariz (*Glanz auf der Nase*)” (Lacan, 1957/1998, p.526), entendendo, assim, que a metáfora e a metonímia se referem a conceitos fundamentais da clínica psicanalítica. A análise de Freud desse caso ilustrou que o sintoma de seu paciente estava atrelado a uma certa rememoração do que Lacan está chamando de *significante privilegiado*. Em razão de que a língua materna desse paciente tenha sido o inglês, Lacan designa desse caso freudiano o que lhe foi essencial para afirmar que o sintoma desse paciente se devia

ao fato de seus primeiros anos, anglófonos, haverem deslocado para um olhar para o nariz (*a glance at the nose*, e não *a shine on the nose*, na língua ‘esquecida’ da infância do sujeito) a ardente curiosidade que o prendia ao falo da mãe, ou seja, àquela eminente *falta-a-ser* da qual Freud revelou o significante privilegiado (Lacan, 1957/1998, p. 526-527).

Da elaboração que Freud depreendeu desse caso, Lacan mostrou que o valor de significante de *Glanz auf der Nase* estava atrelado à curiosidade do falo da mãe, pois o “olhar para o nariz” manteve, pelo *glance at*, ao invés do *shine on*, a relação do sintoma desse paciente à sua falta-a-ser. Embora o valor desse significante “esquecido” demonstrasse precisamente a *resistência* da significação, a transferência de seu sentido para o *Glanz* alemão certifica “os efeitos de *conexão e substituição* que são as que fornecemos do significante em sua função de *transferência*” (Lacan, 1957/1998, p.526). Desta maneira, o significante privilegiado desse caso se explicita pela conexão de significantes entre as línguas inglesa e alemã e, também, pela fixação de seu valor no significante atual da cadeia por meio do *glance at*. Assim, o sintoma desse paciente foi metáfora para um significante da língua “esquecida” de sua infância, que embora não fosse mais falado por ele, naquilo que ele não se deu conta, esse significante implicou a questão de seu *ser*. O estatuto metonímico desse significante se faz ver em sua transferência na cadeia discursiva, e esse deslocamento que lhe é característico também designa a *diferença* que existe no encadeamento que ocorre de palavra em palavra.

Realça-se, também, aqui a noção que Lacan acrescentou no *O seminário, livro 9: a identificação* (1961-1962), a de que o significante tem relação com o signo, conforme ficou demonstrado nesse caso freudiano do paciente anglófono. Uma função do significante, dessa maneira, expressa uma relação de identificação entre os significantes dessa cadeia discursiva, mas Lacan não está pensando no ponto de vista de que o objeto encontrou seu referencial.

Para ele, a experiência da identificação em que aparece a função do significante remete ao signo, mas compete dizer que “o significante não é o signo” (Lacan, 1961/2003, p.54). Assim, para distingui-los Lacan julgou necessário recorrer ao que chamou de problema da identificação, porque embora o significante aponte para um certo valor de imagem do signo, a função que ele quer destacar é aquela em que o significante funda a existência do sujeito (1961/2003).

A identificação, “essa assunção, espontânea para o sujeito, da identidade de duas aparições, no entanto bem diferentes” (Lacan, 1961/2003, p.52-53), é uma noção lacaniana que recupera dos princípios da lógica aristotélica as proposições “A é A” e “A não é A”. Com isso, Lacan pretende partir da concepção de que para a psicanálise importa pensar a relação de identificação unicamente do ponto que marca o aparecimento instantâneo do sujeito. Desse modo, não haveria impropriedade lógica em dizer que A não é A, pois assim Lacan está, justamente, ao tempo em que insiste sobre a função do sujeito, marcando a distinção entre significante e signo. O objetivo com isso é dizer que o significante se constitui na diferença, que ele não é idêntico a si mesmo e, portanto, não identifica a si próprio. A identificação, assim, é o sujeito que a faz, tanto “que não há tautologia no fato de dizer que a guerra é a guerra” (Lacan, 1961/2003, p.55). Em outras palavras, essa afirmação reforça que A é A não é uma tautologia, mas sim uma relação de identificação do real com o simbólico, ou do imaginário com o simbólico (1961/2003). O indispensável das duas proposições é que elas conservam, no intervalo entre uma coisa e outra (entre S' e S''), o sujeito.

Depreendemos desse texto de 1961, também, que a identificação a um significante é o que introduz o traço unário, o *trait unaire*, que faz referência ao *einziger Zug*, de Freud. No alemão, *einziger Zug* significa *traço único* e é o que dá à função do significante seu valor. Ele implica “esse nervo de que se trata na distinção do estatuto do significante” (Lacan, 1961/2003, p.58) e que garante que um traço seja diferente dos demais. Para exemplificar essa noção do traço unário, Lacan recorre à técnica do “fazer bastões”, ou “*faire des batons*”: expressão empregada antigamente pelos professores primários, na fase de pré-alfabetização, para ensinar aos alunos a caligrafia, [ou] seja, “fazer traços verticais no caderno” (Lacan, 1961/2003, p.439). Com efeito, tomando como exemplo os traços verticais, compete dizer que em uma linha desses traços “não haverá um só semelhante” (1961/2003, p.59).

Dessa escrita que advém de um traço que sucede o outro sobre “o rastro [*trace*] de algo que é, sem ambiguidade, significante” (1961/2003, p.60). Com isso, Lacan quer dizer que as diferenças que os traços escrevem não são diferenças qualitativas, isto é, não importa nesse momento a letra com que esse traço se apresenta. Ele está falando de um significante

que se aproxima do traço unário em virtude de que esse significante carrega a marca de algo que se mantém, ainda que nenhum traço seja igual ao anterior. Assim, mais uma vez a distinção entre o significante e o signo fica demonstrada, e com isso importa, sobretudo, definir a função desse significante como aquilo “que introduz a diferença como tal no real” (Lacan, 1961/2003, p.62).

Temos visto, portanto, que a função de diferença do significante não está separada da noção de que há um *trace* que se conserva. Diante disso, Lacan chamou de *nervo de repetição* o núcleo do sujeito que atenta para aquilo que não é nem objeto, nem representação, mas sim, o *um* “enquanto marca da diferença pura” (1961/2003, p.64). Essas repetições estão ligadas ao que o sujeito não tem “estrita e verdadeiramente nenhuma necessidade [...], isto é, repetições as mais pegajosas, as mais enfadonhas, as mais *sintomatogênicas*” (1961/2003, p.64). Para comentar sobre o *sentido* dessas repetições, ele evoca as duas dimensões do significante presentes na ideia de *façon*: a *forma* do significante e *effacement*, o *valor de apagamento* da coisa, inerentes a essa função do significante. Eis o que explicaria o neologismo de Lacan, *effaçons* para designar os diversos apagamentos do signo, ou apagamentos da coisa, já que Lacan está falando do valor de significante e não do signo. Com esse termo, Lacan reafirma a relação entre o signo e o significante, mas também relembra que a função desse significante está submetida a um sentido colocado constantemente em impasse.

Desse modo Lacan nos conduzirá à assertiva que considera verdadeiramente importante no advento do significante, pois para ele “o significante, ao contrário do signo, não é o que representa alguma coisa para alguém, é o que representa, precisamente, o sujeito para um outro significante” (1961/2003, p.64-65). É propriamente esse sujeito que pode estabelecer uma relação de identificação entre signo e significante e é, igualmente ele quem pode não a estabelecer. De toda maneira, Lacan está chamando a atenção para o fato de que essa função de identificação do significante remonta, de modo direto, ao nascimento do sujeito pelo significante. Assim, a afirmação de Burgarelli (2020), de que “um significante então, para ele [Lacan], advém do apagamento daquilo que terá sido signo” (p.4), contribui com nossa pesquisa ao passo em que confirma a noção de que esses efeitos significantes da linguagem tornam concreto que o *apagamento do que terá sido signo* precede ao significante, e esse, por sua vez, representa o sujeito para um outro significante.

O sujeito é que será convocado na cadeia significante, que tem uma de suas pontas atadas ao “*rastro de um passo, [la trace d’un pas]*” (Lacan, 1961/2003, p.54), e a outra ao *nenhum rastro, [le pas de trace]*. Essas estruturas a que o sujeito falante se prende para que exceda o lugar de objeto evidenciam o funcionamento ora metafórico desse significante, ora

metonímico, donde mesmo o *nenhum rastro* carregará a marca do sujeito. De todo modo, é inerente a elas que, remetidas ao significante recalcado, essas leis da linguagem se coloquem à disposição de um traço apagado. Esses dois extremos nos fazem retornar às *repetições sintomatogênicas*, pois Lacan está nos indicando que elas conservam uma relação com o modo com que esse sujeito é “constituído pela existência do significante” (Lacan, 1961/2003, p.64). O *automatismo de repetição*, então, importa porque ali se revela “a incidência como tal da função do significante” (Lacan, 1961/2003, p.64), onde, por causa do sujeito, pode haver a experiência de identificação. Portanto, para a psicanálise “não é que seja sempre a mesma coisa o que é interessante, mas sim por que isso se repete” (1961/2003, p.64).

Esse sujeito que Lacan situou entre o rastro de um passo e o nenhum rastro é convocado no momento de um impasse no *sentido*, pois a função da metonímia é a da resistência da significação (1961/2003). A estrutura metonímica conserva o efeito de *pouco sentido*, *peu de sens*, demonstrada pela “função $S, f(S)$, na medida em que ele está numa cadeia que continua em S', S'', S''' , etc., $f(S, S', S'', S''', ...) = S (-) s$ ” (1961/2003, p.64). Entretanto, se o valor do significante privilegiado implica o apagamento do objeto, o traço unário, enquanto marca do simbólico, retoma da inscrição o traço ausente e o transfere a todos os demais traços que se seguem, ou melhor, em cada S da cadeia. Assim, a função do significante *como tal* se deve ao fato de que o motivo das *repetições pegajosas* deve ser colocado ao lado do sentido que o caráter diferencial do traço escreve na repetição.

3.2. Do gozo de Hans

Até agora temos visto que as formações sintomáticas concorrem para a questão do *ser* e que isso desemboca em sua *realidade psíquica*. Frente a isso, a experiência psicanalítica testemunha que a narrativa do paciente sobre seu sintoma está às voltas com o desejo inconsciente, visto que no texto que seu discurso escreve aparece aquele *rastro de um traço* que se repete. Desse traço que parte do recalcado, como vimos, Lacan nos mostrou uma função desse significante em seu valor *privilegiado*, que se prova por meio de suas repetições sintomáticas (1961/2003). Apesar da dimensão dos diversos *effaçons*, dos *apagamentos* da coisa, pelos quais o significante se funda, essas *enfadonhas repetições sintomatogênicas* nos remetem aos traços que *insistem* na cadeia discursiva (1961/2003).

O retorno à descoberta freudiana, conforme os apontamentos de Borges (2010), assegura “a constituição do sujeito e a escrita como homólogas” (p.136); assim, ela nos adiantou o que veríamos na *instância da letra* com a metáfora e a metonímia de Lacan. É

porque as formações do inconsciente seguem as leis da linguagem que é possível fazer uma correlação entre a clínica psicanalítica e a linguística como ciência moderna. Entretanto, o que a psicanálise atesta com sua experiência é que essa escrita do sujeito nem sempre é daquilo que ele sabe. Esse significante recalcado no inconsciente cumpre na cadeia discursiva sua *função de rememoração* insistindo que a pulsão se conserve porque ela não pode não estar encadeada na linguagem, ainda que haja *nenhum rastro* dela.

Esse inconsciente, portanto, está presente em todas as ações do homem, e suas formações têm relação com o fato de que o corpo goza. Na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, de 1975, texto em que reviu alguns pontos do caso do menino Hans de Freud, Lacan observou que a retomada da descoberta freudiana deve partir da revisão do termo que a nomeia. É porque o inconsciente, o *Unbewusstsein*, “não é simplesmente ser não sabido” (Lacan, 1975/1998, p.10) que Lacan retoma a dimensão do gozo, introduzindo-a nesse texto através dos sintomas fóbicos de Hans.

Para contemplar a invenção freudiana, então, segundo Lacan, é preciso recuperar o termo alemão *Bewusst*, que, se tomado em sua relação com *Wissen*, estabelece a noção do “consciente da consciência” (1975/1998, p.10). Para ele, o consciente da consciência “é formulado como o que verdadeiramente é, isto é, o gozo de um saber” (1975/1998, p.10). Por essa razão, ainda que o sujeito não o saiba, o inconsciente contempla as manifestações desse ser que *se goza* (Lacan, 1975/1998, p.14), pois é, também, *gozo de um saber*. A principal contribuição de Freud nesse texto de 1909, segundo Lacan, foi a de mostrar que “não há necessidade de saber que se sabe para gozar de um saber” (Lacan, 1975/1998, p.10), já que se goza inclusive naquilo que não se sabe.

A clínica psicanalítica, dessa maneira, dá destaque ao sintoma sem se valer de uma sintomatologia, pois lhe interessa o relato do paciente sobre a metáfora de seu ser. Freud, em sua *Análise da fobia de um garoto de cinco anos [O pequeno Hans]* (1909), definiu que o objetivo primeiro de uma análise não deve ser o sucesso terapêutico, mas sim a criação de condições para que o paciente apreenda “seus desejos inconscientes” (Freud, 1909/2015, p.255). Com isso ele reafirma a condução do método psicanalítico, firmando a importância mais em saber como se forma o sintoma do que propriamente conceber qual é o conteúdo repetido que o inconsciente produziu. As repetições sintomatológicas, portanto, devem ser consideradas evidência de que o sintoma se mantém alinhado ao objetivo do desejo do sujeito, e nessa direção é que caminharia o *sentido* das formações do inconsciente.

A decifração do sentido dos sintomas está inclusa no trabalho do analista, mas a psicanálise não se constitui como uma teoria do conhecimento, e isso fica expresso quando

Freud diz que os analistas “esperam coisa demais se querem curar o doente comunicando esse conhecimento” (1909/2015, p.255). Em verdade, o sentido das formações do inconsciente pode ser depurado pelo analista, mas deve partir dos indícios recuperados pelo paciente. Assim, avisados do equívoco em imaginar que um *complexo inconsciente* se apresenta para o paciente no mesmo momento em que o analista o apreende, os psicanalistas devem saber que podem apenas usar a informação do sentido apreendido “como auxílio para descobrir o complexo inconsciente *onde este se acha ancorado* em seu inconsciente” (Freud, 1909/2015, p.255). Sabemos, então, que a clínica da psicanálise não é do saber, mas, igualmente, se dela adveio algum sentido, somente o único sujeito da análise o poderia confirmar. Caminhando nessa direção veremos como as palavras podem acrescentar sentido, muitas vezes, por sua relação etimológica com a língua, como no exemplo dado por Freud quanto à fantasia das duas girafas do pequeno Hans, “ligada à satisfação pelo triunfo sobre a resistência paterna” (1909/2015, p.163).

Esse caso foi relatado por Freud a partir de observações que originalmente não foram suas. Ele esteve pessoalmente com o garoto, estabeleceu “as linhas gerais do tratamento” (1909/2015, p.124), mas as intervenções foram propriamente realizadas pelo pai de Hans. É claro que o sucesso que Freud reclama a esse caso se deve a um conjunto de condições, tais como “a união da autoridade paterna e da autoridade médica [...], combinação de carinho e de interesse científico” (1909/2015, p.124), assim como o conhecimento do pai para *interpretar* as palavras do filho. Mas o essencial desse relato, além de confirmar a sexualidade infantil, ideia “habilmente ignorada ou intencionalmente negada” (1909/2015, p.125) na comunidade científica – tanto que Freud relata ter solicitado a psicanalistas e amigos que reunissem “observações sobre a vida sexual das crianças” (1909/2015, p.125) –, foi ter reforçado a ligação entre os sintomas neuróticos às pulsões e desejos sexuais.

Os primeiros relatos do caso de Hans, Freud os recebeu do pai do garoto quando este estava aproximadamente com três anos de idade. As primeiras manifestações sintomáticas de Hans sucederam à sua forte curiosidade por seu “‘faz-pipi’ [*Wiwimacher*]” (1909/2015, p.126) e deram origem aos episódios de masturbação. Dos sonhos e fantasias construídos depois disso, Freud reuniu nesse extenso texto muito mais informações, mas tomaremos pontualmente sua análise da fantasia das duas girafas, que Hans construiu utilizando de folhas de papel. O sentido contido nessa formação do inconsciente do garoto está relacionado à fobia dos cavalos, exemplar desse caso.

Em razão de o garoto ter ido à cama dos pais em uma noite qualquer, o pai o interrogou no dia seguinte; ao que ele respondeu: “Tinha uma girafa grande e uma girafa

amassada no meu quarto, e a grande gritou porque eu tirei dela a amassada. Então ela parou de gritar e eu sentei na girafa amassada” (1909/2015, p.160). O sentido que o pai de Hans atribuiu, de que a girafa grande era ele e a girafa enrugada a mãe do garoto, somou-se à consideração de que “a grande gritou porque eu tirei dela a amassada” referiu-se às advertências do pai ao fato de a mãe permitir que o filho deitasse na cama de casal por alguns minutos quase todas as manhãs. Ao que ela respondia ao pai do garoto, “talvez irritada, que isso é um absurdo, um minuto não tem importância etc. Hans fica, então, um pouco de tempo com ela. (‘Então a girafa grande parou de gritar e eu sentei na girafa amassada’.)” (1909/2015, p.163).

Ao sentido encontrado nessa fantasia pelo pai de Hans, Freud acrescenta que “‘*sentar em cima*’ [*das Draufsetzen*] é, provavelmente, a representação que faz Hans do ‘tomar posse’ [*Besitz ergreifen*]” (1909/2015, p.163). O que as afirmações de Hans acusam a partir dessa construção sobre a girafa amassada é que parece haver uma associação etimológica entre *draufsetzen*, “que é diretamente aparentado a *sitzen* (‘estar sentado’)” (p.163) e o termo “equivalente alemão de ‘possuir’ (*besitzen*)” (1909/2015, p.163). Para Freud, é como se Hans estivesse dizendo a seu pai: “grite o quanto quiser, a mamãe me recebe na cama, a mamãe me pertence” (ibid.).

Freud continua tirando consequências da relação entre a fobia de Hans, a *bobagem* como o garoto a nomeou, e as formações de seu inconsciente relatadas pelo pai. O fato de que sua fobia expusesse uma ligação com o ato da masturbação, como o atestou o próprio Hans, pois tanto mais “forte” a bobagem se tornava quanto mais ele pegava no “faz-pipi”, só fez confirmar a hipótese de Freud sobre a sexualidade infantil estar implicada na formação dos sintomas neuróticos na vida posterior (1909/2015). Embora Freud não tenha analisado o jovem que o procurou em 1922 dizendo que era o “pequeno Hans”, para que confirmasse ou refutasse sua hipótese, Freud convenceu-se com a análise desse caso de que a excitação sexual e a angústia experienciadas por Hans estavam implicadas na formação de sua fobia infantil.

No texto de 1975 em que relembrou esse caso, Lacan também pensou o sintoma como algo que se lê em função da *realidade sexual* do sujeito (1975/1998). Isso significa que o sintoma é algo que tem ligação com as primeiras experiências sexuais, e só se *interpreta* seu sentido corretamente, “*corretamente* querendo dizer que o sujeito deixa cair um pedaço dele” (1975/1998, p.12), se essa realidade for levada em conta. O exemplo próprio da *draufsetzen* na fantasia das duas girafas demonstra o que Lacan se referiu ao afirmar o valor do *significante privilegiado*. A “girafa amassada”, um pedaço de papel amarrotado, sobre o qual Hans sentou-se para realizar seu desejo, foi o animal escolhido nessa fantasia que se deu em

continuidade ao medo de cavalos (1909/2015). Antes mesmo que Hans soubesse que a girafa enrugada representava sua mãe, conclusão a que seu pai chegou com a ajuda de Freud, o inconsciente encarregou-se de que, *sentando-se* em cima “da girafa amassada”, ele a *possuísse*.

Essa fantasia de Hans, pela relação etimológica entre as palavras que a compuseram, ilustra o que vimos com o valor do significante privilegiado. O mesmo acontece se voltamos o olhar para o caso de Hans de uma forma geral, pois para Lacan, toda formação do inconsciente do garoto precisou se apoiar em sua *lalíngua*, ou em sua *lalangue* (1975/1998). A função dos significantes articulados na realidade sexual, é o que Lacan nos demonstra, tem a ver com *lalíngua*, porque ela diz respeito à dimensão simbólica com que o sujeito foi concebido no mundo. Isto é, *lalangue* é propriamente a língua da infância desse sujeito, aquela que lhe foi “ensinada” ao nascer.

A partir de *lalangue* podemos dizer que o sintoma é aquilo que tem ligação com o modo como esse sujeito em pauta foi inserido no discurso por seus pais, e isso seria o mesmo que afirmar que, em algum momento ainda *precoce*, o sujeito é tomado por isso “que cabe chamar por seu nome, isto é, os sintomas” (Lacan, 1975/1998, p.10). Em outras palavras, “a maneira pela qual lhe foi instilado um modo de falar não pode senão levar a marca do modo pelo qual foi aceito por seus pais” (1975/1998, p.10-11). Com isso, Lacan pretende articular que *lalíngua* de Hans foi a condição com que o garoto dotou de valor o significante “faz-pipi” com o qual estruturou seu sintoma.

Desse modo, a função do *Wiwimacher* como significante foi a de introduzir no circuito discursivo de Hans esse “primeiro gozar” (1975/1998, p.12), ou, denominadamente, suas primeiras ereções. O uso do termo *precoce* se deve ao fato de que com ele Lacan não só confirma a relação feita por Freud dos sintomas posteriores com a sexualidade infantil, como dá destaque para o modo com o qual Hans enfrenta seu medo de cavalos, “sobre o qual *não entende nada*” (1975/1998, p.12). Lacan está, à vista disso, relacionando *lalíngua* e o *primeiro gozar* aos sintomas fóbicos de Hans, “sem dúvidas graças ao fato de que [ele] tem certo tipo de mãe e certo tipo de pai” (1975/1998, p.12). Mas a circunstância fundamental que Lacan ressalta é que “esse primeiro gozar se manifesta, poderíamos dizer, em quem quer que seja” (1975/1998, p.12), ou melhor, o gozo de Hans esteve *além da* parte do corpo a que seu “faz-pipi” fazia referência.

Frente ao fato de que sobre sua bobagem Hans nada sabia, Lacan pôde dizer que “seu sintoma é a expressão, a significação dessa rejeição” (1975/1998, p.13), ou seja, seu sintoma dá um desfecho para isso de que ele não sabe. Mas como Lacan quer localizar o para-além

que o sintoma aponta, ele define que “o gozo que resulta desse *Wiwimacher* lhe é alheio a ponto de estar no princípio de sua fobia” (1975/1998, p.13). Efetivamente, o gozo da bobagem de Hans aponta para o sujeito dessa formação inconsciente, é o que Lacan nos fala, mas, além disso, é preciso ressaltar que “o encontro com sua própria ereção não é absolutamente autoerótico” (1975/1998, p.13).

Precisamente quanto ao termo *autoerotismo* utilizado por Freud para definir os sintomas de Hans, Lacan permitiu-se discordar dele em nome de que o termo *auto* levava a centrar no garoto a origem de seu sintoma. Freud “acreditou que podia enfatizar especialmente o termo autoerotismo, na medida em que a criança descobre primeiro esta realidade sexual em seu próprio corpo” (1975/1998, p.12), mas o que Lacan estava dizendo é que, embora essas primeiras ereções de Hans obviamente tivessem sido sentidas em seu próprio corpo, elas não teriam sido *auto-eróticas*. Uma primeira razão para isso foi que a curiosidade de Hans sobre o “faz-pipi” não se restringiu a seu próprio corpo, evidenciado pelo fato de que se preocupou com a existência de um *Wiwimacher* em sua mãe, em seu pai, em suas amigas, nos animais. Mas Lacan realça também esta outra: foi porque esse circuito *simbólico* de Hans lhe foi ofertado, ainda precocemente, pelo Outro.

Lacan está chamando a atenção para que esse encontro primeiro com o gozo seja tomado como *alheio* em razão de que ele inaugura algo. A dimensão simbólica, portanto, porque há *lalíngua*, instaura o sintoma como forma de dizer sobre isso que escapa ao conhecimento do sujeito. Lacan está retomando o método da descoberta de Freud, confirmando-o por meio do gozo, já que uma rejeição do saber não impediria de advir um efeito de *significação*. Daí é que se abriria a possibilidade para a decifração do sentido do sintoma, pois o *pouco sentido* confirma o único compromisso possível na psicanálise, o do sujeito com seu desejo.

Para Lacan, ficou evidente que “Freud percebeu que havia coisas das quais ninguém podia dizer senão que o sujeito falante as soubesse sem sabê-las. Eis aí o relevante das coisas” (1975/1998, p.13). Vimos, até aqui, que o sintoma evidencia que desse saber o sujeito goza sem que saiba que sabe, e falará dele querendo dizer outra coisa, como na fantasia das duas girafas do pequeno Hans. Assim é que o inconsciente de Freud assegura o gozo de um saber, insabido.

3.3. Partir daqui para continuar...

Não pretendemos repetir aqui o que foi anunciado na introdução, nem retomar minuciosamente cada passo teórico desenvolvido no decorrer deste trabalho – até mesmo porque isso já foi feito no início deste capítulo. Dispensamos, portanto, aquela seção de “Conclusão” com que geralmente se finalizam as dissertações e pretendemos, com este último subitem, apenas acrescentar algumas pontuações em torno da afirmação de que o valor do significante privilegiado aparece nas repetições sintomáticas, que estão, por sua vez, investidas de gozo.

Nesse capítulo, portanto, esteve presente a noção de que o significante está remetido, em sua origem, ao traço unário e que esse por sua vez, consolida o traço diferencial. A partir daí, o encadeamento metonímico recobra a *falta do ser* porque os traços entalhados, a partir do *einzigster Zug*, implicam o nervo de repetição do sintoma. Nessa função do significante fica demonstrada a relação do sintoma com o desejo ao tempo em que sua dimensão de *effaçons* também está admitida. Da estrutura metafórica depreendemos uma correlação entre seu funcionamento que se dá no *uma palavra por outra* e a questão do sujeito suscitada por seu sintoma, mas, igualmente, que o sujeito se vê constituído numa estreita relação com o Outro.

Ainda no que diz respeito à função do significante, Lacan nos apontou que a experiência da identificação, em consequência de sua inscrição na dimensão simbólica, converge no sujeito psicanalítico, pois é por meio dela que o sujeito comparece “como a resposta que, pela intercessão do verbo ‘ser’, vem fazer a soldagem entre duas aparições fundamentalmente diferentes” (Le Gaufey, 2018, p.211-212). Desse modo, o sujeito sobre o qual a psicanálise se debruça é precisamente aquele que aparece no intervalo entre os traços entalhados dos significantes. Embora esses traços carreguem sempre um novo encadeamento, ou seja, algo diferente do anterior, eles também insistem naquilo de que o sujeito não pode abrir mão.

Diante disso, notamos que as repetições *sintomatogênicas* remetem ao sentido do sintoma que permanece no relato do paciente, embora haja em cada novo significante encadeado no discurso esse traço diferencial. E porque estamos falando de um inconsciente em operação, também, na dimensão simbólica, além de a experiência da identificação deixar marcada a distinção entre o significante e o signo, ela evidencia que a função do significante incide sobre a fundação desse sujeito. Justamente porque Lacan está admitindo o valor do *significante privilegiado* na formação do sintoma é que precisamos remetê-lo a esse arranjo entre o sintoma e a linguagem na psicanálise. E para isso, conforme brevemente vimos, juntamente com a noção de que a formação do sintoma contou com *lalíngua*, tivemos em mente que ele não se separa do gozo.

Esse gozo, utilizando do caso do pequeno Hans, Lacan nos apresentou como sendo *alheio* ao garoto, e foi em virtude disso que ele definiu o inconsciente como o gozo de um saber. Precisamente nesse ponto, Lacan localizou a causa de sua fobia infantil, ainda que isso implicasse, por consequência, a retomada do *autoerotismo* de Freud para dizer que, mesmo que seu “faz-pipi” estivesse “enganchado em algum lugar do seu baixo ventre” (Lacan, 1975/1998, p.13), o gozo de seu sintoma teve como origem a marca de uma inscrição simbólica que viera de seu exterior, do Outro. Fazendo esse movimento, Lacan retoma o inconsciente de Freud como discurso do Outro, lugar terceiro sem o qual não há como o sujeito remeter a si mesmo. Com isso, ele nos mostrou que as repetições sintomatogênicas recuperam o essencial para afirmar que, naquilo que não sabe que sabe, o sujeito goza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Borges, S. (2010). *Psicanálise, linguística, linguística*. São Paulo: Escuta.

Burgarelli, C. G. (2020). A subversão do sujeito: em vez de cogito, desejo. In: VI Congresso internacional transdisciplinar sobre a criança e o adolescente. Simpósio: Saber, desejo e conhecimento – Piaget, Freud e Lacan. Anais eletrônicos. São Paulo: Instituto Langage. (Realizado on-line). Recuperado de <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v29.n60>

Cordeiro, É. F. (2015). Jacques Lacan: o inconsciente, do sentido do significante ao gozo da letra – um estudo teórico. (Dissertação Mestrado - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte). Recuperado de <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-A4RF4C>. Acessado em 03/06/2021.

Freud, S. (1909/2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos. In: _____ *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909) – Obras Completas de Sigmund Freud ed., Vol. 8*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1917/2014a). Os caminhos da formação de sintomas. In: _____ *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917) – Obras Completas de Sigmund Freud ed., Vol. 13*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1917/2014b). O sentido dos sintomas. In: _____ *Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917) – Obras Completas de Sigmund Freud ed., Vol. 13*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (1926/2014). Inibição, sintoma e angústia. In: _____ *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) – Obras Completas de Sigmund Freud ed., Vol. 17*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lacan, J. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud. In: _____ *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1961/2003). Lição IV, 6 de dezembro de 1961. In: *Seminário, livro 9, a identificação*. Recife. (Inédito). [Tradução provisória do Centro de Estudos Freudianos do Recife, sob coordenação de Ivan Corrêa]. Recuperado de https://drive.google.com/file/d/1zRZEWLeJpJ7Y_u84qdo0szJ3vZBA_wjl/view

_____ (1964/1998). Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In: _____ *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1971/2009). O escrito e a fala. In: _____ *Seminário, livro 18, de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____ (1975/1998). Conferência de Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eólia, n.23, p.6-16. Disponível em: campopsicanalitico.com.br/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma. Acessado em 05/04/2021.

Le Gaufey, G. (2018). *A incompletude do simbólico: de René Descartes a Jacques Lacan*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Mandil, R. (2003). *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Contra Capa Livraria.

Safouan, M. (1986). *Seminário: Angústia-Sintoma-Inibição*. Campinas, SP: Papirus.

Santos, D. P. (2013). O inconsciente nos primeiros textos de Freud: aparelho de linguagem, aparelho de memória e aparelho psíquico. (Dissertação Mestrado - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia). Recuperado de <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3303>. Acessado em 10/04/2021.

Victor, E. (2021). *Corpos à margem: a função do resto na psicanálise*. (Dissertação Mestrado - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia). Recuperado de <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11215>. Acessado em 02/07/2021.